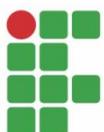


Especialização em
**INVESTIGAÇÕES
EDUCACIONAIS**



Fundamentos da Comunicação





BÁRBARA CASTRO LAPA

FUNDAMENTOS DA COMUNICAÇÃO

MANAUS-AM

2019

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas.
Campus Manaus Centro.
Diretoria de Pesquisa e Pós-graduação
Av. Sete de Setembro, n. 1.975, Centro, Manaus-Amazonas.
Telefone: (92) 3621-6750
www.cmc.ifam.edu.br

Capa:

Erlison Soares Lima

Normalização bibliográfica:

Mirlândia Regina Amazonas Passos

Bibliotecária, 767(CRB-11)

COMITÊ CIENTÍFICO DA COLEÇÃO

Altamiro Batista da Rocha Junior/ EPICAR
Altamir Celio de Andrade/ CES/JF
Anderson Luiz da Silva/ EPICAR
Djalma Rabelo Ricardo/ SUPREMA/JF
Eliana Lúcia Madureira Yunes Garcia/ CUL/PUC-R
Gicelma da Fonseca Chacarosqui Torchi/ UFGD
Gláucio Campos Gomes de Matos/ UFAM
Júlio Cláudio da Silva/ UEA
Moema Rodrigues Brandao Mendes/ CES/JF
Nilton Paulo Ponciano/ IFAM
Patrícia Fuentes/ UNC-CHAPEL HILL
Roberto Acízelo de Souza/ UFRJ
Rosângela Veiga Júlio Ferreira/ CAPJOAOXXIII/UFJF
Valéria Cristina Ribeiro Pereira/ CES/JF
Valéria da Silva Medeiros/ UFTO

ORGANIZADORES DA COLEÇÃO

Amarildo Menezes Gonzaga
Moema Rodrigues Brandao Mendes
Nilton Paulo Ponciano
Valéria Cristina Ribeiro Pereira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L299f Lapa, Barbara Castro.
Fundamentos da comunicação / Barbara Castro Lapa. – Manaus: IFAM,
2019.
87 p.
Produção do curso de Especialização em Investigações Educacionais.
-ISBN: 978-85-68504-17-8

1. Ensino tecnológico. 2. Educação – processos formativos. 3.
Investigações formativas. 4. Comunicação - processos. I. Instituto
Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas III. Título.

CDD 370.7

Sumário

Apresentação	6
Capítulo 1 - Um encontro com o processo de comunicação	7
Capítulo 2 - Um comunicar alvoroçado	13
Capítulo 3 - Expressando-se no compromisso profissional.....	38
Capítulo 4 - Um revelar-se na docência	46
Capítulo 5 - Comunicar-se por meio do ensinar para a cidadania.....	57
Capítulo 6 - Comunicando-se com versatilidade.....	68
Capítulo 7 - O processo de comunicação na pesquisa por meio do trançar e entrelaçar	80
Referências	86

Apresentação

Comunicar-se faz referência às formas de ser, agir e dizer-se, bem como à visão de mundo construída por meio de vivências e experiências. Assim, o processo comunicativo engloba dimensões muito além da fala, compreende enxergar o indivíduo como ser total e complexo, dotado não apenas de capacidade de discursar, narrar, descrever ou dialogar, diz respeito à expressão do ser, está para além de superficialidades, compreende a constituição daquele que se expressa, carrega valores, traz embutido na fala e nos modos de dizer-se toda a carga cultural e identitária do indivíduo.

Capítulo 1 - Um encontro com o processo de comunicação

Comunica-se no processo de pesquisa é uma etapa inerente ao percurso de busca de compreensão por parte de quem se propõe a problematizar uma realidade e investigá-la. Nesse contexto, a escrita emerge como uma das formas de comunicação do pesquisador com o mundo. Consideramos, portanto, que a produção escrita é um movimento de constituição de pensamentos próprios, argumentos originais, movimento que vai dos textos ao contexto, do inconsciente ao consciente (GALIAZZI, 2011, p.95).

Considerando a existência de múltiplas formas de comunicação e a impossibilidade de nos debruçarmos sobre todas, trazemos, em particular, nossa experiência com o processo de comunicação, em um contexto de pesquisa no ensino, atentos à formação de professores para a Educação Profissional e Tecnológica. Tal experiência reflete, como em qualquer processo comunicativo, uma maneira particular de enxergar o mundo e que por sua natureza compreensiva, não deixa à margem ou tão pouco exclui qualquer outra forma de encontro com o processo de comunicação em um percurso de pesquisa.

Cabe, ao retratar a forma como nos comunicamos na pesquisa, detalhar que nosso objetivo foi compreender os sentidos de trabalho no discurso de professores da Educação Profissional Técnica de Nível Médio (EPTNM) no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas – IFAM como fundamento para uma proposta de autoformação. De modo específico, articulamos os conceitos de formação de professores da Educação Profissional Técnica de Nível Médio, sentidos de trabalho e autoformação docente, como sustentação teórica da pesquisa.

Assim, foi elaborado um percurso investigativo para conhecer os sentidos de trabalho de cinco professores do IFAM que atuam na Educação Profissional Técnica de Nível Médio, por meio de suas histórias de vida, relatadas em entrevistas gravadas em áudio e, posteriormente, transcritas. Desse modo, evidenciamos os sentidos de trabalho de professores do IFAM que atuam na EPTNM a partir de elementos da Análise Textual Discursiva (ATD), o que nos permitiu compreendê-los

como responsabilidade social, experiências e identidade. E a partir da compreensão desses sentidos, foi possível comunicá-los por meio da escrita.

Ao considerar a comunicação por meio da escrita como um processo que acontece de modo individual a cada autor, o que se caracteriza como um exercício próprio de autoria. Inferimos, assim como a experiência, que se trata não simplesmente do que acontece, mas do que nos acontece, tendo relação com a elaboração do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece (BONDÍA, 2002). Sendo assim um processo vivido, experienciado, sentido e, por isso, apresenta-se como único, de construção por vezes até similar, porém jamais idêntica.

Para a compreensão de nosso contexto de comunicação do escrito, enveredamos pelas histórias de vida como processo metodológico e, sobretudo, narrativo do que nos propusemos a expressar. Entendemos a história de vida como método investigativo em nosso percurso e percebemos que esta suscita as memórias, os fatos, a individualidade e a multiplicidade de cada ser, objetivando relatar a história de um ou mais indivíduos, trazendo à tona experiências, vivências, lembranças, problemas, realizações, conquistas, renúncias, projetos de vida, enfim todos os componentes que constituem um ser, um sujeito, que é ator de sua própria história.

Além de levar em consideração fatores, tais como a origem sociocultural, os valores, as experiências vividas, as compreensões acerca da vida e das escolhas individuais, o respeito pelo autobiográfico que deve ser evidenciado, “[...] já que ouvir o professor devia ensinar que o autobiográfico, ‘a vida’, é de grande interesse, principalmente quando os professores falam do seu trabalho” (GOODSON, 2007, p.71).

Os elos que constituem um ser provêm das relações de parentesco, de amizade ou com qualquer indivíduo que tenha cruzado sua trajetória e de alguma forma tenha lhe cativado ou produzido representatividade. Para Josso, a história de vida passa por um ato de:

Revisitar sua história, juntamente com o que guia, no momento presente, esta retrospectiva, para extrair dela o que pensamos ter contribuído para nos tornarmos o que somos, o que sabemos sobre nós mesmos e nosso ambiente humano e natural e tentar compreender melhor, é o primeiro desafio da pesquisa dos elos que nos deram forma (JOSSO, 2006, p.376).

Esses elos podem ser pais, avós, irmãos, tios, amigos, professores do Ensino Infantil, Fundamental, Médio, Superior, conhecidos, líderes religiosos ou quaisquer indivíduos que tenham sido ou que sejam significantes como referencial em valores, atitudes (ações), tomada de decisão e comportamento pessoal e profissional, especificamente, como docentes.

Realizamos entrevistas que, na perspectiva de Alberti (2004), trata-se do momento de situar efetivamente o fazer história oral. Em nosso estudo, entendido como história de vida, visto que em pesquisas na área de educação é adotado esse termo em referência ao método autobiográfico e às narrativas de formação, conforme nos enuncia Souza (2011) acerca do movimento de investigação-formação, seja na formação inicial ou continuada de professores.

Participaram das entrevistas cinco professores da Educação Profissional Técnica de Nível Médio do IFAM (Campus Manaus Centro, Campus Manaus Distrito Industrial, Campus Manaus Zona Leste e Campus Presidente Figueiredo) que cursaram o Mestrado Profissional em Ensino Tecnológico do IFAM, visto que tal situação estabelecia uma aproximação entre nós e os sujeitos em questão, elemento importante da história de vida como método investigativo (JOSSO, 2006).

As entrevistas, com gravação de áudio, foram realizadas no IFAM-Campus Manaus Centro (CMC) e na residência de um dos professores, entre os meses de novembro e dezembro de 2016, com duração média de 45 minutos. Foram organizadas em três eixos: a vida escolar, a vida familiar, a vida em outro lugar, de acordo com o modelo de Lima Júnior (2013), utilizando como guia os questionamentos seguintes, em uma espécie de roteiro norteador do diálogo:

- Como você descreveria sua vida escolar (Ensino Fundamental, Médio, Superior e Pós-Graduação)?
- O que poderia dizer de sua carreira profissional, desde as escolhas iniciais até os caminhos que o (a) conduziram à Educação Profissional?
- Como você se enxerga atuando em uma Instituição voltada à Educação Profissional e Tecnológica? Quais suas necessidades e desafios?
- Como você descreveria a relação entre sua vida familiar e sua vida profissional?
- Quais investimentos (motivação, renúncias, escolhas) foram ou têm sido feitos em

prol de seu desenvolvimento profissional?

- Se lhe fosse perguntado, quais os sentidos que você atribui ao seu trabalho, o que você responderia?

Tais questionamentos foram respondidos ao longo das narrativas feitas pelos professores e fizeram emergir nossas categorias de análise, em um processo, com base na unitarização que, conforme Moraes (2011), é parte do esforço de construir significados a partir de um conjunto de textos, entendendo que sempre há mais sentidos do que uma leitura possibilita elaborar.

Em nosso processo de escrita e, por consequência de comunicação da pesquisa, optamos por fazer uma analogia do processo vivenciado com a confecção de trançados ou traçados indígenas, objetos que no cotidiano em aldeia desempenham funções corriqueiras (VELTHEM, 2007) como de armazenamento, transporte e processamento de alimentos, bem como contribuem com a estética corporal dos índios, os determinam e individualizam quanto ao sexo, à faixa etária e às ações desempenhadas no meio no qual estão inseridos.

Escolhemos o traçado indígena por constituir objetos além de admirados pelas minúcias nos padrões tecidos a mão, mas pela relação de funcionalidade que possuem com o trabalho doméstico desempenhado dia após dia na aldeia, com sua utilização em rituais e com o arcabouço simbólico que agregam as técnicas de confecção.

A opção pelo trançado indígena nos foi oportuna pela relação existente entre a ideia de funcionalidade que o artefato indígena carrega, representando o trabalho desempenhado em aldeias por meio da produção desses utensílios e a ideia de formação e trabalho docente, pela qual pretendemos trançar e entrelaçar as fibras existentes nas trajetórias de vida de professores da Educação Profissional e Tecnológica.

Com a intenção de seguir na analogia proposta, fizemos um poema que esteve presente ao longo do texto evocando o trançado e de forma comparativa fez alusão tanto ao processo de formação docente quanto à história de vida e à maneira como nós professores, retratados no processo empreendido, compreendemos os sentidos de trabalho.

O traçado

O traçado que enfeita
O traçado que sustenta
É aquele que constitui
O traçado da vida

O traçado da vida
Tem elos, tem caminhos
Tem meandros, tem a fibra
O traçado da vida

A tessitura que envolve
É aquela que amarra
Marca as mãos e marca

Imprime na vida
A fibra que forma
O traçado da vida

(Bárbara Castro Lapa)

O poema foi escrito a partir da reflexão, na condição de aluna do Mestrado Profissional em Ensino Tecnológico do Instituto Federal do Amazonas, no momento em que era preciso dar início ao processo de pesquisa. Com a influência das leituras, das discussões, dos diálogos com orientadora, das conversas com colegas de turma, de vivências e percepções acerca das possibilidades de enveredar pelos processos formativos de professores no ensino tecnológico, o poema foi se construindo a medida que o problema de pesquisa também ganhava forma.

“O traçado tem elos, tem caminhos” e o nosso caminho profissional tem início no IFAM. Tendo concluído um curso de Licenciatura em Ciência Biológicas no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas – IFAM, uma instituição pautada na proposta da Educação Profissional e Tecnológica, e defendido um trabalho de conclusão acerca da constituição da identidade do professor de Ciências

em formação a partir do Estágio Curricular Supervisionado, ficou evidente certa ausência de discussão a respeito da Educação Profissional e Tecnológica (EPT).

Como profissional, professora de Ciências/Biologia essa falta não era sentida, por trabalhar com alunos de Ensino Fundamental e Médio na modalidade propedêutica, na qual as diretrizes para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio (EPTNM) não constituem nosso cotidiano. Na verdade, ela só despertou ao ingressar no Mestrado Profissional em Ensino Tecnológico (MPET) do IFAM. Já nas primeiras leituras realizadas para o processo de seleção foi possível refletir acerca da realidade vivenciada na licenciatura no instituto e das discussões, principalmente, nas disciplinas de Estágio Curricular Supervisionado e Pesquisa e Prática Pedagógica, cursadas na graduação.

Partindo de nossa problemática e de nosso caminhar no processo de comunicação refletida por meio do escrito, buscamos, assim como o indígena que empreende uma prospecção pelos talos de fibras nas palmeiras escondidas na mata, evidenciar cada palmeira (docente) de nosso traçado, por meio das histórias que a constituíram no processo formativo de professor da Educação Profissional Técnica de Nível Médio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, revelando traços das categorias que mostraram os sentidos de trabalho no discurso de cada docente, que denominamos como as seguintes palmeiras: Bacaba, Inajá, Miriti, Arumã e Açaí.

Capítulo 2 - Um comunicar alvoroçado

Os encantos da poesia do fruto que chora, que nos faz emocionar e alvoroçar com toda sua energia conforme dizem ser própria de alguém que consegue movimentar do porteiro ao marceneiro no instituto, assim se apresenta Açaí, nascida em uma ilha no Amazonas. Mudou-se ainda criança para Manaus, estudou o Ensino Fundamental na Escola General Sampaio e, seguindo o sonho de ser professora, iniciou o magistério no Instituto de Educação do Amazonas (IEA), mas resolveu morar em Porto Velho, onde continuou o magistério na Escola Estadual Carmela Dutra. Em seguida, mudou-se para Ariquemes, onde concluiu o magistério na Escola Heitor Villa Lobos.

Trabalhou em escolas no estado de Rondônia durante 24 anos, quando decidiu retornar à Manaus e ser professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, onde pôde legitimar, por meio do mestrado, a experiência já consolidada em sua profissão de se vestir de poesia para ensinar língua portuguesa. Ao pedir que Açaí nos contasse um pouco de sua trajetória, dos caminhos, das pessoas e lugares que a conduziram a ser professora, iniciou dizendo:

Bom, o desejo de ser professora eu costumo dizer que nasceu desde a barriga da minha mãe, porque com seis anos eu já dava aula, eu já lecionava para as bonecas, para as árvores...eu morava em uma ilha, no meio do rio Solimões, no Médio Solimões, entre Codajás e Coari. E as ilhas são isoladas, porque tudo acontece na costa, os barcos, os regatões, o padre quando vem fazer o batizado das crianças ou vem fazer um casamento, é tudo na costa. Para você ter acesso ao lazer, à religião, tem que atravessar o rio, tem que sair da ilha, cruzar o rio e ir à costa para participar dos eventos. Então, eu morava nessa ilha de forma isolada e eu já dava aula, já ensinava...e o meu irmão teve muita dificuldade em aprender a ler. Meu pai um dia foi de canoa para Coari, que ele passava um dia remando para chegar dessa ilha em frente ao Camará até Coari e, na volta, trouxe duas cartilhas de ABC e folhetos de cordel.

Com três meses de estudo, como sua mãe lhe contou, Açaí já lia tudo, mas seu irmão ainda não, por isso seu papai batia muito nele, conforme relatou. Um dia seu pai bateu tanto que ficaram as marcas nas costas da criança e diante da dor que o

seu irmão sofria, Açaí afirmou que resolveu ensiná-lo a ler.

Eu não sei se vai ter relevância falar isso[pausa], mas esse meu irmão é negro, porque meus pais nunca tiveram filhos, todos os filhos que eles criaram foram adotivos. Então, minha mãe chegava em uma casa em que uma mulher tivesse muitos filhos, e dizia: “me dê essa criança para eu criar?” E a mãe dava...e com isso eles criaram 14 filhos. E o meu irmão era bem negro e tinha menino de todo jeito, tinha menino negro, menino de cabelo liso, enrolado, de todo jeito...e esse meu irmão é negro, não sei se isso tem alguma influência, mas ele apanhava muito, como um escravo apanhava...para estudar, para aprender a ler e eu sentia muita pena de vê-lo apanhando, então, um dia eu disse: “meu irmão eu vou lhe ensinar a ler”. E eu com seis anos de idade ensinei o meu irmão a ler e quando viemos para Manaus, eu fui estudar naquelas escolas em que as pessoas faziam uma mesa grande de madeira, uns bancos compridos e davam aula particular em casa. E foi lá que eu levei o meu primeiro bolo de palmatória, porque eu errei a tabuada...eu era muito boa em recitar poemas, em escrever, em ler, mas eu era muito ruim na Matemática. Então, eu levei meu primeiro bolo de palmatória e, para mim, isso foi algo muito marcante.

Em Manaus, disse-nos que moravam no Beco da Paciência. Açaí lembra que quando passava pela frente da Escola Técnica, dizia: “um dia vou lecionar aqui!”. Então, já era um sonho lecionar no Instituto. Em Manaus o transporte era muito difícil, conforme relatou, andavam a pé do bairro de Educandos para a Praça 14, todos os dias, para uma escolinha estadual muito precária, de chão batido com uns bancos de madeira, lembra-se ainda do nome de sua primeira professora Alta de Paiva Nascimento, momento que frisou ter ficado muito marcado em sua memória.

Nessa época, relatou-nos que surgia em Manaus, o bairro da Compensa, o qual já havia sido invadido e as pessoas já estavam revendendo suas casas. Sua mãe falou para seu pai: “vamos lá neném, quem sabe não conseguimos um terreninho”. Seu pai falou: “vou nada...eu saí lá do interior, do meio da mata e vou morar no meio da mata aqui também?”. Açaí nos contou que o bairro da Compensa tinha muita mata. Mas sua mãe insistiu até que eles foram procurar uma casa. Viram uma casinha toda de palha, cercada de compensado e escrito com carvão: “Vende-se”. Ela perguntou quanto custava, disseram-lhe, eles tinham o dinheiro, negociaram e compraram.

Isso já foi em 1970, quando o Brasil ganhou a Copa de 70, nós já estávamos na nossa casinha coberta de palha. E eu lembro que ouvi um barulho grande de fogos que foi como um trovão no ar e eu não sabia o que era...muito mais tarde eu descobri que era o Brasil que tinha ganhado a Copa do Mundo. Mamãe dizia: “a única coisa que

podemos deixar, neném, para esses meninos é o estudo, vamos atrás de estudo para esses meninos”. Até então, eu só tinha estudado nos bancos de madeira improvisados. Meu pai ao conversar com uma vizinha [pausa]...ela disse: “olha, tem uma escola, General Sampaio, que o diretor é meu conterrâneo e eu posso lhe indicar para você ir lá atrás de vaga para os seus filhos. E o papai foi, lá na escola General Sampaio... o tenente Nierlando que era o diretor e conterrâneo dessa vizinha nossa. E o papai chegou lá, contou nossa história e conseguiu uma vaga para mim e outra para o meu irmão.

Foi, então, estudar na escola General Sampaio, uma escola construída no auge da Ditadura Militar, 1970, em que os militares tinham regalias, segundo Açaí, inclusive de ter uma escola para seus filhos no interior do quartel. A escola General Sampaio ficava no interior do quartel do 1º Batalhão de Infantaria de Selva (BIS). Começaram a estudar, conforme nos relatou, já que seu pai conseguiu vaga para Açaí e seu irmão. Ela conta que entrava para estudar, mas seu irmão ficava do lado de fora, nunca mais seu irmão frequentou nenhuma escola, tudo o que ele aprendeu foi com Açaí quando tinha seis anos de idade como professora dele. Ele ficava do lado de fora, jogando bolinha de gude, esperando-a e, quando terminava a aula, ele a acompanhava. Açaí disse nunca teve coragem de dizer para seus pais, porque eles iriam castigar o irmão.

Na escola, foi matriculada na primeira série, mas a professora descobriu que ela já sabia ler, pois quando escrevia as frases no quadro, Açaí lia tudo. Naquela época, havia o parecer da Secretaria Estadual de Educação, em que se fazia uma avaliação para avanço de série. Açaí fez e passou para a segunda série. Em seu histórico escolar, está escrito: “Promoção Automática”. Foi para a segunda série estudar com a professora Maria Georgina Libório Barroso, uma professora que hoje Açaí entende como à frente de seu tempo, era jovem, recém-casada, trabalhava com produção textual e toda semana fazia os alunos escreverem um texto.

Quando ia ler os textos lá na frente, ela deixava o meu por último, porque era o melhor, era aquele que ia impactar a turma, então, ela lia por último, ela dramatizava as histórias, pedia para nós dramatizarmos e tantas outras coisas...que ela fazia...um dia ela pegou uma folha de papel sulfite, dobrou, fez uma caixinha e pediu para cada um fazer também e disse: “levem e amanhã tragam a caixinha transformada em uma casa”, os colegas fizeram as caixinhas só desenhadas, um negócio muito feio... e eu, morava na Compensa, em que as casas eram cobertas só de palha ou com

alumínio, um alumínio ondulado, que era muito comum na década de 70 e no sol quente aquelas casas brilhavam com o reflexo do sol. E eu peguei um pedaço de papel laminado, imitei a folha do telhado de alumínio, coleí de um lado e do outro do quadradinho... na frente eu peguei uma cartolinha e fiz uma faixa tipo um degrau, parecido com as casas antigas ali da Rua Epaminondas no centro de Manaus, são três níveis...então, eu coleí aquela frente, fiz janelas e no outro dia quando eu cheguei lá, a minha casa era a mais criativa de todas, a mais bonita de todas[risos]. E o que estava em jogo era a criatividade né...não precisava a professora dizer, ela só disse leve e traga transformado em uma casa. Fiz uma janelinha vazada, coloquei cortina por dentro e fiz uma faixa, resultado, a minha casa era a mais criativa de todas.

A professora Georgina se constituiu em referência à Açaí, em elo (JOSSO, 2006), que lhe inspirou, porque mais a frente Açaí conta que como professora, em sua prática na sala de aula, se veste de poesia, faz produções textuais, dramatiza, foge da gramática e do que chama de gramatiquice, fazendo alusão ao tradicional culto ao vernáculo que alguns colegas, também professores de língua Portuguesa, promovem.

Outra memória de sua professora veio de uma aula de Ciências, em que nos disse ter aprendido sobre as partes de uma planta: raízes, caule, folhas, flores, frutos e foi solicitado que os alunos trouxessem uma planta completa. No bairro da Compensa, como retratou Açaí, não era difícil achar uma planta, havia muita mata, tudo muito rústico, ainda tinham igarapés de água limpa e clara, mas que hoje são esgotos. Lembra que era um igarapé de água transparente, onde sua mãe lavava roupas e Açaí com seus irmãos se banhavam.

A professora pediu uma planta completa, uns alunos levaram galhos de planta, outros levaram só a raiz e o caule. Mas Açaí disse que saiu procurando e encontrou uma arvorezinha de flores amarelas, conhecida popularmente como “remela de cachorro”, não sabe quem colocou esse nome, mas a chamavam assim. Encontrou aquela planta, arrancou pela raiz e levou. Todos chegaram à escola com suas plantas incompletas, mas Açaí tinha uma planta completa.

Então eu acho que o me fazia ficar encantada era a afinidade que eu tinha com a professora... quando ela falava da enchente do rio, levava jornal, mostrava a cobra grande que engoliu o boi, mostrava o que era uma maromba no interior...então, era uma professora diferente, que explicava, levava recursos da época, figuras, jornais, contextualizava o ensino...Eu só tirava notas boas, enquanto os outros meninos só tiravam notas baixas e ela fez o seguinte

comentário: “gente, eu não acredito que depois de tudo que eu expliquei, de tudo que eu trouxe e mostrei para vocês, ainda teve gente que errou?”

O modo como a professora conduzia suas aulas foi um exemplo para o fazer docente de Açai, para constituir o modo como ensina, já que a maneira de ensinar (NÓVOA, 2007) está diretamente dependente daquilo que somos como pessoa quando exercemos o ensino. Contou-nos que as melhores notas no momento da entrega de boletins eram as dela, o que deixava seu pai bastante orgulhoso.

Meu pai vendia uma comida chamada cascalho, que eu acho que já está extinta, porque não é aquele cascalho do triângulo não, o cascalho era a massa do pastel frita, que é um “quadradão”. E ele tinha um tabuleiro de madeira, onde colocava aqueles cascalhos bem arrumadinhos e ia vender na porta da minha escola. Ele tinha uma sandália havaiana que já tinha um buraco no calcanhar e eu nunca tive vergonha do meu pai, às vezes, eu digo que sou muito feliz, porque eu nunca tive vergonha do meu pai, nunca tive vergonha da minha casinha de palha, nunca tive vergonha de dizer que eu estudava com a lamparina, porque não tinha energia na nossa casa, era sempre a lamparina e eu era um orgulho para o meu pai, que dizia: “a minha filha gosta de ler e como tem muito carapanã, ela lê com a lamparina debaixo do mosquito...”[risos]e eu fico imaginando o perigo não é, que era ir para debaixo do mosquito com uma lamparina para ler...e era um orgulho, meu pai tinha muito orgulho de mim.

E quando chegava o dia da entrega das provas e dos boletins, a sala ficava cheia de tenentes, coronéis cheios de medalhas e distintivos, esperando as notas de seus filhos, porque era uma escola de privilégio para os filhos dos militares e o seu pai, lá no fundo, com a sandália com buraco, aquela roupinha suada, o tabuleiro encostado no muro e na hora de entregar os boletins, contou-nos que:

A professora Georgina dizia para o meu pai: “parabéns, o senhor tem uma filha ótima, ficou em primeiro lugar...leve esta caneta como reconhecimento das notas boas da sua filha”...e não ia para aqueles militares, não ia para aqueles homens cheios de medalhas, ia para o vendedor do cascalho e isso era maravilhoso, porque meu pai se enchia de orgulho. E eu fico pensando nessa professora que valoriza também os pais, então, por que que as escolas e também o Instituto Federal não chamam esses pais? Por que não valorizam também os pais?

Açai pensa, nesse sentido, que no desenvolvimento do professor devem ser

considerados fatores que transpõem o cumprimento do dever curricular (DAY, 2001) e que a escola deve estabelecer uma aproximação não apenas com os alunos, mas com a família, consolidando um compromisso com a comunidade (CONTRERAS, 2002).

Descreveu-nos que no bairro da Compensa, na periferia, sempre tinham muitas crianças. Seu pai fez uma mesa de madeira com uns bancos compridos, também de madeira, e Açaí, com 12 anos de idade, começou a dar aula para os filhos dos vizinhos. Certo dia, como nos relatou, passou pelas redondezas o pessoal do MOBREAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização), estavam procurando pessoas que estivessem mais adiantadas na leitura e escrita, que já soubessem um pouco mais da Língua Portuguesa para ser professores do MOBREAL. Uma vizinha falou: “olha, tem uma mocinha ali que já leciona, tem uma escolinha”.

Eles foram até a casa de Açaí, visitaram a sala que seu pai havia feito e lhe fizeram a proposta de fazer o treinamento para lecionar no MOBREAL. Açaí conta que aceitou prontamente. Em sua sala de aula, passou a lecionar para o MOBREAL. Disse que tinha uma remuneração, pequena, mas que já lhe bastava para se sentir professora aos 14 anos. Lecionou 2 anos para o MOBREAL e depois, como seu sonho era fazer o Magistério, fez o Primeiro Ano Básico e, no segundo ano, profissionalizante, optou pelo Magistério.

Após o Primeiro Ano Básico, foi estudar no IEA (Instituto de Educação do Amazonas), fez Magistério e já tinha 18 anos quando foi trabalhar no Distrito Industrial, na CCE da Amazônia SA. Relatou-nos que apanhava a rota as cinco horas da manhã, porque a distância do bairro da Compensa para o Distrito Industrial era grande e quando Açaí saía da fábrica, já entrava em uma rota que passava em frente ao IEA, descia e ia para sua aula. Contou-nos que “estudar que era bom, estava difícil, porque dormia, cochilava e ao pegar o ônibus para voltar à Compensa, perdia o ponto de casa e muitas vezes o cobrador me acordava no ponto final, lá na beira do Rio Negro”.

Sempre tinha que pedir ao cobrador e ao motorista que quando voltassem a deixasse em casa, por volta das dez e meia ou onze horas da noite. Esses caminhos, experiências no cotidiano da vida e da lida que a fizeram professora, lhe impulsionaram, sobretudo, a refletir acerca da condição dos alunos do Instituto Federal que hoje forma, principalmente quando afirma ser contra à ida de seus

alunos para o Polo Industrial de Manaus, incentivando-os à realização de um curso de graduação.

Nessa época, Açaí fez uma viagem para conhecer Porto Velho, quando tinha 17 anos, ao falar da vontade de ser professora, que estava fazendo Magistério, uma moça que conheceu na cidade lhe disse: “olhe, aqui no território...lá ainda era território federal...eles aceitam pessoas que estão cursando Magistério, porque há uma carência muito grande de professor e se você vier para cá, você vai conseguir lecionar”. Ao chegar em Manaus, pediu demissão da CCE e pegou o primeiro ônibus que tinha de Manaus a Porto Velho pela estrada Transamazônica.

Peguei o ônibus da Viação Mota direto para Rondônia. E quando eu disse para os colegas do trabalho: “olha eu estou indo para Rondônia”, um me deu um sapato, que era maior que meu pé, mas foi esse que eu usei para estudar o Magistério lá, outro me deu um jaleco, naquele tempo os uniformes eram jalecos brancos, o outro me deu a meia, tudo que eu precisava para quando chegasse lá não ter que comprar. Então, meus colegas da CCE, todos fizeram uma vaquinha, uma cota, e me deram as coisas que eu precisaria. Quando eu cheguei lá, a senhora com quem eu fui morar, mãe dessa moça que sugeriu para eu lecionar em Rondônia, tingiu de azul uma calça branca de Brim. E foi assim que eu fui para o Carmela Dutra, que era uma escola de muito rigor, tinha que estar com o uniforme impecável, calça azul, jaleco branco, meia branca, sapato preto e assim eu fui, toda equipadinha, mas tudo era doação [risos].

Em Porto Velho, procurou uma escola para lecionar e em sua primeira tentativa, na escola Doutor Granjeiro, como nos relatou, uma escola para filhos de ricos, já lhe aceitaram, apenas perguntaram se estava estudando Magistério na Escola Carmela Dutra. Disse que começou no dia seguinte. E a senhora onde morava lhe fez um vestido para que Açaí começasse a dar aula. Lecionou nessa escola de agosto a dezembro, por um semestre. No ano seguinte, foi para Ariquemes, cidade próxima à capital, onde conheceu um rapaz que lhe pediu em casamento. Como seu noivo morava em Ariquemes, foi também morar lá, terminou o último ano de Magistério na escola Heitor Villa Lobos.

Nesse mesmo ano, contou-nos que chegou uma equipe da Universidade Federal do Pará, oferecendo a Licenciatura curta e quem quisesse, já poderia fazer o vestibular. Estava terminando o Magistério e já era candidata ao vestibular. Mas grávida, com nove meses e uma barriga imensa disse ter perguntado aos organizadores do vestibular: “ e se eu ganhar bebê como fica? ”. Eles disseram: “não tem problema,

nós vamos ao hospital e a senhora faz a prova lá”. E quando a equipe saiu, o professor de Português que estava dando a aula que foi interrompida, afirmou à turma: “olha gente, nós moramos no meio da mata”.

Ariquemes estava sendo desbravada naquele momento, o governo fazendo projetos de assentamento, em que ganhava prêmio quem desmatasse mais, segundo Açaí. Quem ganhava um sítio, tinha que desmatar quase todo para receber os recursos do governo, era o “progresso” conforme ironizou Açaí. O professor falou: “Eu sei que vocês podem querer fazer outra faculdade, tanta gente aqui que queria fazer Direito, Filosofia, mas se a Universidade vem até nós, não podemos perder essa oportunidade, façam, porque daqui a três anos, a Licenciatura curta era de três anos, quem fizer vai ter nível superior”, pegou na gola da camisa, levantou-a e arrumou, gesto que Açaí lembra claramente.

O professor completou: “[...] quem não fizer vai ter apenas nível Médio”. O professor foi um fator de motivação (DAY, 2001) no desenvolvimento profissional de Açaí. Para Açaí, esse incentivo foi muito importante, porque quase todos de sua turma de Magistério fizeram o vestibular e muitos passaram, inclusive ela. Mas contou do desafio para fazer o vestibular, pois na véspera vieram as dores do parto e, com muita emoção, nos descreveu:

Eu ganhei bebê em casa, com parteira, não fui para o hospital, justamente para ter parto normal e não ter perigo de perder a prova do vestibular. No outro dia meu marido, que era boiadeiro e tinha aqueles caminhões imensos de transportar boi, me levou. As 7 horas da manhã, eu desci do caminhão de boi e o povo da universidade já estava indo para o hospital fazer a prova comigo[risos], porque era uma cidade pequena, uma clareira no meio da mata. Em Ariquemes, por volta de 1980, ainda estavam derrubando a mata para construir a cidade. Tinha um único hospital, estavam indo para lá fazer a prova, porque a notícia correu a cidade de que eu havia ganhado neném. Então, quando eles estavam saindo do portão da escola para levar a prova para o hospital, eu desço do caminhão de boi [risos]. E tinha um jornal na cidade, chamado O Parceleiro, que foi até lá, tirou a foto do primeiro vestibular do Território Federal de Rondônia, não havia sido implantada ainda a Universidade Federal de Rondônia, estava ainda em processo. E eu apareci como manchete do jornal que dizia “Primeiro Vestibular” e embaixo, como subtítulo, estava escrito assim: “Heroísmo e muita força de vontade é o caso da senhora que se submeteu a um parto na sua própria casa, um dia antes da prova do vestibular” e lá estava minha foto.

Disse-nos ter guardado esse jornal, mas perdeu com as mudanças, se tivesse guardado, teria colocado em sua dissertação. Com sete dias que seu filho tinha nascido, começaram as aulas. Tudo aconteceu muito rápido conforme relatou, houve o vestibular, logo saiu o resultado, as aulas já começaram, Açaí tinha que frequentar as aulas, levar o bebê e amamentar. Disse-nos que:

A minha vida foi parir e estudar [risos]. No estágio do Magistério eu estou com um barrigão enorme, na véspera do vestibular, eu estou ganhando neném, em seguida, engravidei de novo, então, em uma Licenciatura curta eu tive dois filhos [risos]. Terminei a Licenciatura curta, tive a formatura, o médico Confúcio Moura foi nosso paraninfo, fez um discurso lindo, que eu nunca esqueço...na época, estava tendo uma greve de apanhadores de laranja e cortadores de cana...menina, os apanhadores de laranja e cortadores de cana fizeram uma greve e, um dia depois, já conseguiram um aumento...e no discurso ele dizia assim: “vamos professores, unam-se, sejam unidos, lutem, porque já há apanhadores de laranja e cortadores de cana que ganha mais que um professor no Brasil”. Gente, essa frase me marcou muito mesmo, porque se o professor quisesse, ele mudaria o mundo, se fosse unido, porque nós temos a faca e o queijo nas mãos. Mas nós não estimulamos a fome, nós temos a faca e o queijo, mas não estimulamos a fome, fome de justiça, fome de cultura. Esses professores...meu Deus do céu...gramatiqueros, que se não tiverem com a gramática, não é aula de Português.

Açaí tem um depoimento de um aluno que diz sobre ela: “quando a professora entrou na sala e disse que não ensinaria Gramática tradicional, eu fiquei besta, porque pensei qual o problema dessa professora? O que será que ela tem? ”E hoje ele a agradece e diz: “que bom que você não ensinou a Gramática tradicional! Me ensinou que há outros caminhos, você abriu meus horizontes e hoje eu sou professor de Português, por causa de você! ”.

Percebemos, no discurso, o professor sendo reconhecido como exemplo, como elo (JOSSO, 2006), Açaí se constituiu em elo para inspirar e formar seus alunos, assim como foi a professora Georgina para si em seu Ensino Fundamental. É também o que ressaltou Arumã em sua fala, quando diz que o professor é um espelho para o seu aluno, por isso deve pensar no que diz, deve ter responsabilidade em seu discurso, obrigação moral (DAY, 2001) para com seus alunos.

Então, é isso né, o professor não morre, ele permanece nos alunos dele. Eu tenho um aluno, um discípulo, que um dia nós estávamos na Livraria e ele pegou o livro Alegria de Ensinar do Rubem Alves e nós lemos ali a primeira página que dizia: “o professor não morre jamais, ele está sempre presente na vida dos seus alunos, na prática dos seus alunos” e o que fizemos ali...nos abraçamos, choramos e choramos...ficamos lá cinco minutos abraçados e chorando, porque ele reproduz o que eu faço, é professor de História, mas faz paródia, paráfrase, teatro. Esses dias, ele me mostrou as paródias sobre a Revolução Francesa e os alunos não fizeram só as músicas, mas foram para lugares que lembravam a Revolução Francesa, isso lá em Coari. E fizeram as paródias, mostrando o visual, mostrando o teatro, junto com a música...gente, eu achei aquilo fantástico. Então, ele está reproduzindo, mesmo na disciplina de História, os recursos que um dia eu utilizei com ele na sala de aula. Ele usa música, paródia, poesia, paráfrase, teatro, tudo ele reproduz e quando ele manda para mim essas imagens eu confirmo o que o Rubem Alves diz, que o professor não morre jamais, que ele permanece nos alunos dele. E eu estou aí, na vida de vários alunos, graças a Deus.

Ao citar Rubem Alves, Açaí se emocionou, quando confirmou nas palavras do autor que ensinar é um exercício de imortalidade, que de alguma forma continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia de nossa palavra, o professor, assim, não morre jamais. Percebemos que em seu desenvolvimento a docente se expressa em sua experiência, que é considerada como fonte de recursos de autoformação (GARCÍA, 1999).

Açaí concluiu a licenciatura curta, em seguida, participou de um congresso da confederação de professores brasileiros, onde conheceu um professor da Universidade de Rondônia que lhe disse: “vai abrir a primeira turma do curso de Letras e a Universidade já vai funcionar esse ano e, se você quiser, pode se submeter ao processo como portadora de diploma e conseguir uma vaga”. Açaí contou entusiasmada que ao saber da possibilidade de ingressar no curso de graduação sua reação foi aproveitar a oportunidade:

Cheguei em casa, liguei para Rondônia...eu sempre digo que com um talão de cheque e um telefone na minha mão eu faço proezas [risos]. Liguei para a secretaria da universidade e eles disseram que eu só tinha que enviar meus documentos. Então, reuni os documentos, peguei um ônibus e fui a Porto Velho. Eu me formei na Licenciatura curta em dezembro e em março, eu já era aluna da Universidade de Rondônia, na primeira turma de Letras, para plenificar. Estudei dois anos, já plenifiquei e me formei em Licenciatura Plena em Letras. Quando eu me formei, ao invés de ficar em Porto Velho e seguir minha carreira, fazer o mestrado, tentar doutorado, eu fui para Machadinho do Oeste...o que é uma longa história, mas vou tentar resumir [risos].

Relatou-nos que a senhora que cuidava de seus filhos, em Ariquemes, para que ela pudesse estudar em Porto Velho de segunda a sexta-feira, resolveu se mudar, vender a casa e ir para Cuiabá. Açaí diz que ficou desesperada, tanto pela dor da separação da amiga, porque ela e sua família a amavam muito e eram muito amados por ela, quanto porque viu seu curso ameaçado. Já estava quase no final da graduação e não tinha com quem deixar as crianças. Chamou uma de suas irmãs de Manaus, sem pensar, porque disse que era assim, tomava atitudes de forma rápida.

Então, disse-nos que propôs a sua irmã: “você não quer vir cuidar dos meus filhos até eu terminar de estudar!?”. Mas esqueceu que a irmã tinha quatro filhos. Quando chegou a Porto Velho, sua irmã levou os quatro filhos, uma irmã caçula e mais um irmão. Açaí contou que pensou: “gente e para sustentar todo esse povo? Só com o meu salário de Magistério? ” Porque ainda não recebia salário nem de Licenciatura curta nem plena. Relatou ter sido terrível, pois não tinha como sustentar todos, mas naquela época, estava havendo doação de terras em Machadinho do Oeste.

Eu falei: “quer saber, eu vou para Machadinho, lá eu consigo um terreno para a minha irmã, ela faz a casa dela e depois segue em frente. Fomos para Machadinho do Oeste. Quando eu falei para o casal que me acolheu, me deu casa e tingiu a calça de azul quando eu cheguei em Porto Velho, que eu ia para Machadinho, o senhor falou: “você está ficando doida!? Você está crescendo igual rabo de égua!?”[risos]...para baixo...[risos]. E eu falei: “eu tenho que ir, porque eu não vou conseguir sustentar onze pessoas, a minha família e a família da minha irmã.

Disse-nos que foram para Machadinho do Oeste, chegando lá, sua irmã conseguiu um emprego na Fundação Nacional de Saúde, seguiu a vida, já tinha casa, chácara, então, Açaí voltou para Porto Velho, porque seu interesse não era em terras. Mas antes de voltar, contou que fez um trabalho relevante, já que Machadinho iria passar de Distrito a Município, órgãos como o fórum, o hospital, o cartório eleitoral, todos se instalariam no município recém-formado.

Açaí relatou que as pessoas queriam emprego, mas para isso, precisavam estudar. Então, Açaí pediu emprestado um galpão da Administração do Distrito para ensinar a todos que quisessem ter êxito no concurso. Dava aulas de dia, por seu contrato, era funcionária pública já que foi transferida de Ariquemes para Machadinho e, de noite, ensinava o conteúdo do concurso a quem se interessasse. Hoje, vinte e cinco

anos depois, disse que eles estão se aposentando graças às aulinhas lá no galpão de madeira, de chão batido, sem piso, sem nada. Afirmou que eles passaram no concurso graças às aulas e ao esforço deles, que frequentavam mesmo cansados de noite aquela aula de língua portuguesa. O interesse dos moradores nas aulas fez Açaí e colegas concluir que:

Nós pensamos: “mas se tem tanto candidato querendo estudar, vamos abrir um Centro Supletivo, vamos lutar por isso”. Mas enfrentávamos um perigo muito grande que era morrer, porque teria o município que precisaria de um prefeito e de vereadores, então, ali se nós déssemos um sabonete a alguém é porque já queríamos ser vereadores. Imagine criar um Centro Supletivo para dar educação ao povo. Nós íamos morrer, porque a área rural é muito violenta. Nos reuníamos na calada da noite, depois das onze, na casa de um e outro, disfarçados, fazíamos os documentos e eu que levava para Ariquemes. Eu não tinha medo não, era afoita, dizia que ia ao médico, porque ninguém poderia saber que nós estávamos cogitando abrir um Centro Supletivo. Em Ariquemes eu já tinha feito amizade com muita gente e tinha colegas de faculdade que eram da prefeitura, eram da SEDUC, SEMED. Levei o documento solicitando o Centro Supletivo e eles deferiram, mas nós precisávamos de um terreno. Então, um senhor cedeu uma casinha de madeira, nós mandamos fazer uma pedra fundamental com um escrito “Núcleo Avançado de Ensino Supletivo”.

Relatou que, como resultado, conseguiram o Centro Supletivo e muitas pessoas estudaram, podendo ter seu certificado de nível médio. O espaço era de madeira, hoje está construído em alvenaria, tem uma rua asfaltada em frente. Foi colocado o nome de Paulo Freire, uma homenagem ao educador, conforme nos disse Açaí emocionada.

E hoje é o Centro Supletivo Paulo Freire, nós conseguimos driblar as dificuldades, mas muita gente morreu...[emocionada]...o seu Tangará, presidente da Associação de moradores de Machadinho pagou com a própria vida a luta. Estavam derrubando as reservas florestais e eu era a vice-presidente da Associação, o seu Tangará era semianalfabeto, eu que escrevi o texto da denúncia, de que os madeireiros estavam derrubando as florestas e ele só assinou. Eu lembro que nós nos reunimos em um quartinho de uma pousada em Ariquemes para escrever esse texto, depois saiu no jornal. E não demorou muito tempo, ele foi morto com um tiro a queima roupa. Um homem foi contratado para matá-lo. Ele estava indo de ônibus de Ariquemes até Porto Velho, quando o ônibus parou para as pessoas fazerem um lanche, em uma das paradas obrigatórias, ele estava subindo no ônibus, tinha colocado o pé no ônibus para entrar...um

homem chegou e disse: “seu Tangará!? O senhor é o seu Tangará!?”...ele virou e disse: “sim, sou eu”...e o homem atirou, ele morreu na hora. E aí, ficou um outro rapaz, Marivaldo, no lugar dele como correspondente do jornal e que mataram também. Então, graças a Deus que eu saí de Machadinho, mas consolidei as lutas.

Açaí descreveu-nos que Machadinho do Oeste passou a município e que pôde fazer parte também dessa luta, não porque quisesse ser vereadora ou prefeita, mas porque se engajou na luta. Construíram o Centro Supletivo do zero, conforme nos contou, que há uma foto em que estão limpando o terreno ainda. Organizou seus livros e montou uma biblioteca pública, chamada Biblioteca Castro Alves, e até hoje encontra pessoas que lhe dizem: “olha eu conheço você, a senhora colocou seus livros lá, criou a biblioteca de Machadinho. O espaço ajudou muito, ficava cheio de alunos pesquisando.

Em seguida, Açaí disse ter começado a escrever para editoras, que logo enviaram livros para lá. E assim contou ter conseguido outra manchete no jornal pelo fato. Após as conquistas, voltou para Porto Velho, mas percebeu que seus pais já estavam bastante idosos, um pouco doentes, então falou: “agora eu vou ficar perto deles”. Já tinha passado 24 anos lecionando em Ariquemes, Machadinho, Porto Velho e foi quando pediu transferência.

Eu lembro que eu levei meu pedido para o campus da Zona Leste e para cá (CMC), voltei para Rondônia e fiquei aguardando. E o mais engraçado foi que eu cheguei lá na Zona Leste (CMZL), era mais ou menos meio dia e não tinha uma viva alma, quem apareceu para me receber foi um bode [risos]...eu entrando lá e em plena calçada, lá vem um bode [risos]...é muito bucolismo né, lembra o Arcadismo [risos].

Contou que certo dia recebeu um telefonema do setor pessoal do Instituto Federal, em que perguntavam: “professora, a senhora ainda está interessada em vir para Manaus? ”. Ela falou: “já estou com a mala pronta”. Começaram os trâmites, as aulas só iniciavam em março em Rondônia, mas em Manaus começavam em fevereiro, voltou para Manaus e assumiu cinco turmas de segundo ano do Ensino Médio no CEFET, atualmente IFAM.

Todas as turmas de segundo ano eram minhas. E quando eu entrei vestida de poesia, trabalhando a crônica, os alunos ficaram encantados. Sabe o que aconteceu? Me levaram para o banco dos

réis [risos]. Chamaram o setor jurídico, o diretor de ensino, as pedagogas, me colocaram em uma mesa grande, disseram que eu era uma impostora, que tinha vindo para cá sem nenhum documento, que não tinha saído em diário oficial, que o método que eu estava utilizado não era o perfil do CEFET, que eu não tinha o perfil da instituição e que não podia continuar aqui com esse método. Mas não foi isso, foi porque os alunos me amaram e quando eu passava no corredor eles saíam da sala, me abraçavam, coisa que nunca havia acontecido em quase 100 anos de instituição, eu tinha trazido algo novo, era uma nova maneira de ensinar e realmente, um dia eu me vesti de poesia, fiz e coloquei uma roupa de poesia e vim...tanto é que eles dizem “você entra na sala vestida de poesia”. E eu literalmente entrava na sala vestida de poesia.

Relatou-nos que o diretor de ensino ouviu, pegou sua pasta e falou: “está encerrada a reunião”. E depois a chamou, na diretoria para dizer: “você pode fazer o seu trabalho, porque daqui para frente eu vou lhe apoiar”. E nos disse ter sido assim que conseguiu desenvolver o trabalho que já faz por 12 anos, trouxe o projeto Hora da Saudade, que revela talentos, fez a primeira peça de teatro no Instituto com duração de uma hora, porque lhe diziam: “aqui peça de teatro, se passar de 15 minutos, não fica ninguém no auditório”. Encenou “A Feiurinha”, com quase 40 minutos de duração, com o auditório lotado até o fim.

Disse-nos que foi conquistando as pessoas, o que lhe faz conseguir realizar seu trabalho. Exemplificou, carinhosamente, que a professora Andreia, do MPET, diz que Açaí é a única pessoa no Instituto que consegue movimentar do porteiro ao marceneiro.

E ontem eu passei lá na marcenaria, e falei: “seu Sabá...o senhor nem foi à minha dissertação!?”...ele disse: “poxa vida, é porque eu estou aqui sozinho, não deu”. Mas assim, eu faço amizade mesmo, quando quebra alguma coisa eu vou lá, e olha que ele é uma pessoa difícil de lidar, mas comigo não, ele é muito meu amigo...eu faço elogios...chego lá e digo: “cadê o marceneiro mais lindo do mundo!?” [Risos]. Então, esse trabalho eu consegui, porque não recuei...o que eu acho é que o povo sai da universidade com todo gás, influenciado pelos teóricos, por tudo que vê e lê, mas quando chegam na escola, basta um ou dois professores falarem: “ah, você está animado, mas aqui ninguém quer nada com nada não”, a pessoa acredita nisso e ao invés de trazer o diferente, recua.

Isso lhe intriga, porque disse sempre se perguntar: como um pedagogo, um estudante de Letras, um estudante de História que leu os autores que dizem que a

escola do século de 19 não cabe mais hoje, que o estudante do século 21 quer mais, quer movimento, quer ação, quer ser protagonista, quer ser visto, quer ser autor e ator, saem da universidade e têm as mesmas ações dos professores do século 19? Perpetuam práticas antigas, porque são desestimulados no primeiro momento. Mas por que não enfrentam? Disse que conquistou seu espaço, que havia muitas pessoas contra si, dizendo que era uma impostora, que seu método não era adequado, no entanto continuou acreditando em sua prática.

Recentemente, contou-nos que foi tirada de sala de aula, porque alguns alunos fizeram um documento dizendo que não ensinava gramática e o gerente sem avisá-la lhe expulsou, praticamente, da turma. Descreveu-nos que estava sua casa, pensando que no outro dia iria dar aula para sua turma, quando recebeu um telefonema do departamento de ensino, dizendo: “olhe professora, a senhora não é mais professora dessa turma”. Porque o gerente havia recebido um documento de alunos dizendo que a professora não ensinava Gramática e, por esse fato, não teria interesse de ficar com professores que não ensinavam a língua Portuguesa por meio da Gramática.

E eu tive que engolir, eu só não lutei, porque eu precisava de tempo para terminar a minha dissertação. Me colocaram à noite com o Projeja, o que eu acho que foi uma providência divina, primeiro porque eu não me indignei, eu pensei pelo lado positivo, que eu teria todos os dias para escrever. Mas se não fosse isso eu tinha lutado pela minha turma e ficado lá...eu sei que quando sai um professor que faz um trabalho diferenciado, quem perde são os alunos, não é o gerente. Há gerentes aqui no Instituto que conhecem o meu trabalho e tudo que querem é que eu vá trabalhar nas suas gerências e eu só lamento, porque os alunos de informática são alunos bons, que passam com notas altas aqui, mas não vamos menosprezar os outros. Já fiz trabalhos maravilhosos em Mecânica que é tido como o curso mais bagunceiro, mais elétrico, mas eu amo a turma de Mecânica, em que os alunos pelo fato de serem bem extrovertidos, eu me dou muito bem com a turma deles e em qualquer lugar também. Lamento, porque estávamos trabalhando com projetos maravilhosos, eu pedi para que eles contassem a História dos anos 80, cada grupo ficou com um tipo de trabalho, uns com o cinema, outros por meio do cordel, outros com a crônica, outros com a poesia e foi um trabalho lindo apresentado no auditório, porque eu valorizo muito o trabalho dos meus alunos, eles sempre apresentam no auditório para se sentirem os protagonistas.

Açai relatou que pensa que os professores de Português devem trabalhar a reflexão,

a criatividade, a autonomia, a humanidade, enfim, a formação para a vida do aluno em uma instituição de EPT, já que conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica (BRASIL, 2013) é imperiosa a superação das qualificações profissionais restritas a postos delimitados no mercado de trabalho, é necessário pensar uma formação integral que atenda aos direitos dos cidadãos e às exigências do mundo do trabalho. Disse-nos que não é porque se trata de um instituto tecnológico que não deve haver artes, poesia, dança, escrita apurada.

Eu tenho aqui médico bailarino, inclusive escrevi sobre ele na minha redação para entrar no mestrado, era para falar sobre o Ensino Tecnológico e eu falei que o Ensino Tecnológico tem que ser também um ensino humano, criativo, reflexivo, em que o médico não seja só médico, seja também escritor, bailarino e que tenhamos mais, mecânicos escritores, mecânicos bailarinos, mecânicos atores, escritores, poetas. Então, o Ensino Tecnológico não pode esquecer o estético, o humano, o criativo, o original. Eu venho fazendo esse trabalho diferenciado e não me preocupava muito antes, só me preocupava em que o trabalho feito pelos alunos, mais de três mil textos, fossem parar em livros, que nós fizéssemos uma compilação. Fizemos, inclusive, uma compilação, para o centenário do IFAM, só com textos de alunos, chamada “Horizontes Cruzados”, em que só há alunos autores, eu faço apenas o prefácio, vai sair agora uma segunda edição, o livro está dividido em contos, crônicas, poemas e paródias, tudo muito criativo, muito lindo.

Além desse primeiro livro, disse-nos que fez um livreto, com produções de Proeja e Subsequente. E o mais interessante é que quando lhe disseram que trabalharia à noite com o Proeja, falou: “vou escrever um livro junto com os alunos do Proeja”. Mas tentaram lhe desencorajar dizendo: “colega, não vai conseguir nada não, pare, pare com essa ideia, esse povo do Proeja acorda quatro horas da manhã, pega rota para ir trabalhar e quando vem para cá de noite, a única coisa que eles fazem é dormir”. Relatou, no entanto, que:

Graças a Deus que eu nunca vi nenhum aluno dormindo na minha aula, pelo contrário, nós fizemos juntos um livreto chamado “Voos noturnos”, produzido só por alunos de Proeja e Subsequente. Temos “As loucas aventuras do jacaré psicodélico”, escrito também só pela turma de Proeja e fizemos o projeto “Ensino noturno é show”, durante dois anos, em que os alunos de Proeja apresentavam crônicas, contos, paródias, tudo feito no auditório e eles davam um show mesmo. E fizemos duas versões seguidas de “Ensino noturno é show”, lançamos dois livros e conseguimos fazer a “Primeira mostra de paródias do IFAM”, que foi um sucesso, as paródias trouxeram muitas críticas, porque naquela época teve um massacre em uma

escola em Realengo, no Rio de Janeiro, e tudo foi retratado em paródia que dizia: “até mesmo nas escolas não existe proteção, entram bandidos e assassinos, ai ai...meu Deus que aflição”, isso com a música “Asa Branca” [citou os versos e os repetiu com musicalidade]. Então, tinham paródias de todo jeito, com crítica política e o mais interessante de tudo é que um amigo meu, chamado Jessé, da música clássica, acompanhou os alunos ao piano, pois tudo que fiz envolvendo piano até hoje aqui no IFAM, sempre convido esse amigo e pianista para participar.

Contou-nos que era muito bom ver seu amigo pianista tocando as paródias, ele vinha dois dias antes ensaiar com os alunos do Proeja no auditório. Disse que sempre usa o piano em seus eventos com seu amigo Jessé tocando. Sempre sonhou que esse trabalho se tornasse livros, que publicasse primeira, segunda, terceira edição e outras compilações, com outros nomes. Afirmou que seu marido sempre dizia: “um dia seu trabalho tem que ser legitimado”, porque ele ficava muito arrasado quando alguém dizia: “isso que ela faz não é aula não, isso é doidice”.

Com a defesa da dissertação, contando essa trajetória, porque, conforme frisou, tudo que nos contou está também na dissertação, seu marido lhe disse: “meu sonho era que seu trabalho fosse legitimado, porque eu não aguentava mais ver as pessoas dizendo que aquilo que você fazia não era aula, que língua portuguesa era só gramática, que produção textual, que colocar os alunos para escrever crônicas e desenvolver seu potencial criativo não era aula de Português”.

Então, Açaí acredita que a satisfação maior da defesa dessa dissertação é mais de seu marido, no sentido da legitimação, do empoderamento de seu trabalho, de dizer que o que ela fez durante a vida toda é um trabalho que deve ser reconhecido, divulgado, legitimado, mostrar que ela não está sozinha no mundo, que há teóricos amparando suas ideias, conforme nos revelou:

Acho que todo professor deveria ler Japiassu, quando diz que aqueles que utilizam seus conhecimentos dentro de caixinhas são o câncer da educação, gente...isso é pesado, é muito pesado...vem também Imbernón criticando o tipo de aula do século 19 que o professor tenta aplicar no século 21, não cabe mais, que é preciso se reinventar, acompanhar e, até um termo pejorativo, é preciso uma reciclagem nesses professores. Então, entre aspas, precisam mesmo de uma “reciclagem”, porque o que fazem já não serve mais, ficou obsoleto. E a defesa da dissertação em cordel é uma forma de legitimar o meu trabalho e dizer: “olha, tudo que você fez não foi em vão”.

Relatou-nos que quando lecionou língua Inglesa em Machadinho, já que possui formação em Letras Português e Inglês, como já havia professor de Português na escola, só tinha a opção de lecionar língua inglesa, e não sabia muito de Inglês, só o básico, mas com o básico, ensinou da melhor forma possível. Por volta de 23 anos depois, contou que recebeu um DVD, com depoimentos de colegas professores e alunos em seu aniversário de 50 anos.

No DVD tinha um depoimento de uma aluna que Açaí já não lembrava mais, dizendo: “professora, eu quero dizer para a senhora que eu viajei o mundo, fui para a Inglaterra, para a França, para o Japão, para a Alemanha, e tudo começou com as suas aulinhas de Inglês lá no meio da mata em Machadinho”. Tinham depoimentos, também, dos colegas de luta para construir o Centro Supletivo de Machadinho, dizendo: “Aquela escola que você viu brotando do chão, agora se transformou em um lindo Centro Supletivo”. Disse-nos que lhe enviaram a imagem, no DVD, 23 anos depois, e mostra sua emoção:

Isso para mim é muito, muito bom [emocionada], é muito gratificante, porque como é que eles conseguem lembrar dessa professora e trazer histórias que estão muito vivas na memória deles e que eles falam, várias pessoas falam. E os depoimentos, eu vejo que está tão viva aquela história que eu ajudei a construir, fazer brotar e se transformar em um lindo Centro Supletivo e agora de alvenaria, arborizado, lindo. Na minha dissertação tem a foto do Centro Supletivo que nós ajudamos a construir na calada da noite, fugindo da morte, porque diziam: “se eles querem construir, é porque querem ser vereadores ou prefeito, vamos tirá-los da jogada, porque quem vai ser prefeito e vereador somos nós”. E nós sabemos que na política tem isso, de querer tirar o outro da jogada, se alguém faz o bem é porque quer ser vereador ou prefeito e tem que ser tirado da jogada, então vivíamos com medo.

Nas memórias de Açaí, o professor se revela como influência, elo (JOSSO, 2006), como exemplo para os seus alunos. Açaí confirmou, bem como disse Arumã, que às vezes o professor não lembra dos alunos que teve, mas os alunos nunca esquecerão seus professores, nem o quanto representaram em sua formação. Diante de sua história de vida e das lutas que enfrentou, quando conversamos sobre os sentidos que atribui do trabalho, revelou-nos que:

Nunca, desde quando eu cheguei aqui, nunca vi como preparação para o trabalho, nunca, nunca e eu digo para os meus alunos: “eu estou preparando vocês para ir para outros caminhos, menos para o Distrito Industrial, porque se vocês estão aqui se preparando para

servir de mão de obra barata naquele Distrito Industrial, não vai valer a pena a minha saliva, as minhas cordas vocais, a minha energia e o meu esforço, então nunca, nunca passou pela minha cabeça que eu estivesse formando técnicos para trabalhar no Distrito Industrial, de jeito nenhum, muito pelo contrário, eu trago um texto: “Distrito Industrial, uma fábrica de doentes”, que mostra a quantidade de pessoas com lesões por esforço repetitivo, com problemas na coluna vertebral, injustiçadas e que não recebem seus salários corretamente. E o tanto de propaganda, de persuasão que eu puder fazer para que os alunos não se conformem em ser técnicos e trabalhem no Distrito Industrial, eu faço.

Afirmou-nos que sempre conta a seus alunos a história da águia que quase virou galinha, pois vivia em um galinheiro. Mas quando um alpinista a viu, disse: “Meu Deus, o que você está fazendo aqui? ”. E a águia dizia: “eu quero ser galinha, eu quero ser galinha!” O alpinista pega essa águia que queria ser galinha, coloca em um saco, sobe a montanha mais alta e despeja a águia de lá. Logo, ela começa a voar e descobre que realmente é uma águia. Diz que lá de cima, essa águia avistou vários galinheiros embaixo, galinheiros em forma de igreja, de escola, de partidos políticos, de associações e viu também um grande galinheiro chamado PIM (Polo Industrial de Manaus). Frisou que conta essa história, porque não quer que seus alunos sejam galinhas nesse grande galinheiro chamado Polo Industrial de Manaus:

Então eu não vejo meus alunos indo para lá, eu não tenho essa intenção e eu não quero, mas Althusser diz que a escola faz parte de aparelhos ideológicos e eu acho que isso é possível, que essa escola tenha interesses, porque antes de eu assumir essas aulas de produção textual e preparar para a universidade, segundo o que me contaram, é que passavam poucos alunos no vestibular, eu não sei, teria que investigar isso, mas é possível. Porque no ano em que eu cheguei o resultado do PSC saiu no dia da aula da saudade e poucos alunos haviam passado. Então, os alunos me disseram: “professora, passavam pouquíssimos alunos mesmo, tipo oito de cada turma”. E quando eu comecei a trabalhar com produção textual e preparar os alunos para a redação do vestibular, começou a passar 90% da turma. Virava uma festa aqui, porque os meninos quebravam ovo uns nos outros, jogavam trigo, tinta, cortavam os cabelos, os corredores ficavam uma bagunça. E começou a aprovar muito aluno para Direito, Medicina, Psicologia, Odontologia, Farmácia. E o que aconteceu? Teve um ano que eles me tiraram do terceiro ano. Não sei o motivo, mas fico me questionando, como eu sou muito inquieta e tenho o pensamento muito acelerado, eu fico pensando, será que essa escola como aparelho ideológico do Estado, como uma escola que forma para a Indústria, para o trabalho, será que eu não estava com uma nova proposta fazendo os alunos irem para outros lugares e por isso me tiraram dos terceiros anos, para que não tivesse tanta gente indo para a universidade!? Não sei, isso é uma incógnita e um ponto de interrogação, mas que me tiraram do terceiro ano, tiraram.

Açaí ao falar de sua resistência em educar o aluno da EPT apenas para seguir a carreira técnica, confronta com a ideia de Bacaba que pensa em formar profissionais independentemente se o aluno seguirá ou não a profissão, mas se aproxima da ideia de Inajá, Arumã e Miriti, que realçam a dimensão do compromisso do professor (DAY, 2001) em educar o aluno para a vida. Tais posturas, talvez indiquem um novo perfil de professores do instituto, quiçá se trata de uma reinvenção do modo de ser e estar na profissão (NÓVOA, 2007) de professores da EPT decorrente do processo de formação no Mestrado do instituto que, conforme dito, representa uma mudança no modo de pensar a prática docente.

Além de instigar a reflexão por parte dos professores, o mestrado suscitou o compromisso com a docência entendido, conforme Pineau (2010), como um processo de formação permanente, evidenciando a necessidade de uma formação autônoma e, sobretudo, possibilitou um espaço no qual ao indivíduo é permitido tornar-se, ver-se, referenciar-se, refletir-se, emancipar-se, diferenciar-se, autonomizar-se, e, em uma palavra, autoformar-se.

Embora existam professores que formem alunos exclusivamente para o trabalho, como dito pelas palmeiras de nosso traçado durante as entrevistas, nossa compreensão já evidencia professores com intenções diferentes em relação ao ensino proposto em instituições de EPT. Percebemos que a intenção dos docentes, dos quais conhecemos as histórias de vida, não se esgota na máxima de educar para o mercado de trabalho, mas lança um olhar sobre a educação, colocando-a atenta aos objetivos do mundo do trabalho, aponta para uma formação integral do indivíduo. Tratamos, portanto, de um fenômeno a ser observado e nos indagamos se a inserção em um mestrado em Ensino Tecnológico, que discute a EPT, talvez seja um dos fatores de colaboração para essa mudança no comportamento e modo de pensar a profissão de docentes inseridos no Instituto Federal.

Quando falamos sobre a percepção de Açaí diante dos colegas em relação a esse tema, da preparação de alunos para o trabalho, contou-nos da existência de professores obcecados pelo PSC (Processo Seletivo Contínuo da Universidade Federal do Amazonas), e que tem uma opinião totalmente diferente. Disse-nos que fala para os alunos: “nós não podemos transformar o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas em um cursinho pré-vestibular”.

Eu não dou aula para o PSC, eu não preparo aluno para o PSC, até porque é uma prova de cem anos atrás [risos], é uma “gramatiquice”, então eu não preparo aluno para o PSC, em nenhum momento quis ou tentei transformar o Instituto Federal em um cursinho pré-vestibular, eu preparo para a vida, para a reflexão, para a leitura, para escrita, para a interpretação, para ser gente. Eu não concordo com isso de dizer que a essência do Instituto Federal é preparar para o trabalho... para quê? Para ser mão de obra barata? Meus alunos não, jamais. Eu li um texto de uma escritora que faz um apanhado de todas essas escolas profissionais e chega à conclusão de que as escolas profissionais, a vida inteira, tinham um único objetivo, que era preparar o aluno para ser uma mão de obra barata. Mas então, aqui no Instituto Federal os colegas pensam assim, e tem muitos que pensam e defendem isso em plena reunião, dizendo: “não, mas aqui nós somos uma instituição para preparar para o trabalho”. Eu já grito de lá: “eu mesma não, não estou aqui para preparar aluno para ser escravo no Distrito Industrial não, eu estou aqui para preparar meus alunos para a vida, para serem gente, para a humanização, para a arte, para ser alguém no mundo, menos escravo no Distrito Industrial”.

Relata que há muitos professores que defendem o preparo para a prova do PSC no instituto, mas realça que seus alunos são aprovados muito mais no ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) e na UEA (Universidade do Estado do Amazonas), que não têm tanta gramática, que no PSC. Diz que enquanto os alunos dos professores gramatiquiceiros são aprovados pelo PSC e vão estudar na UFAM, os seus são aprovados na UEA, na Unicamp, no ITA, nos outros vestibulares que já não utilizam a proposta gramatical afastada da poesia, da produção e interpretação textual.

Açaí assegurou que enxerga sua identidade profissional, seu fazer docente nesse ambiente de trabalho e em todos os outros pelos quais já passou, bem como seus investimentos, não apenas financeiros, mas pessoais, suas escolhas, renúncias, compromissos, responsabilidades consigo e com sua família como parte de um processo que sempre teve como motivação o desejo pela docência.

A vida inteira, por causa desse meu desejo muito grande de ser professora eu não me imagino fazendo outra coisa, eu nunca tive dúvida, a minha mãe fazia tudo para tirar essa ideia da minha cabeça, ela dizia: “minha filha, professora não tem tempo para cuidar os filhos, passa o tempo todo cuidando dos filhos dos outros e não tem tempo para cuidar de seus filhos, professora anda com a roupa toda puída”, puída é uma roupa bem velhinha, com buraquinhos, “professora usa roupa toda puída, minha filha, porque não tem dinheiro para comprar, é isso que você quer? Minha filha, você é inteligente, você pode fazer outra coisa”. Meus filhos, também, nunca me perdoaram...agora é que já estão me perdoadando, mas já cresceram, o caçula tem 33 anos, o mais velho tem quase 40

anos. E eles nunca me perdoaram, diziam: “como é que uma pessoa tão inteligente, que podia ter feito Direito, Medicina, foi ser professora e a minha resposta, sempre era a mesma: “meu filho você não percebe que eu sou feliz sendo professora”. E é o lugar que me faz feliz, na sala de aula, onde eu esqueço todos os problemas, eu posso estar com o maior problema do mundo, mas quando eu entro na sala de aula, eu não tenho mais problema, eu acho que os professores deveriam fazer isso. O problema deveria ficar lá fora e ele entrar como professor, sem o problema, então, como é que eu me vejo? Eu me vejo essa pessoa muito, muito apaixonada pela sala de aula. A sala de aula é o meu palco.

Açai nos disse “se eu não fosse professora, eu seria atriz”, porque concebe a sala de aula como o seu palco, contou que adora plateia, não gosta de sala com poucos alunos. Relatou que quando ministrou aula para o Proeja com seis alunos, tinha que fazer malabarismos para ficar feliz e dar aula para aqueles seis alunos ali, tão entusiasmada quanto na turma de 40 ou 42, porque frisou gostar de sala cheia, gostar de ver os olhos dos alunos brilhando na hora em que está falando. Disse-nos também preferir salas de aula com calouros, porque considera que entram no instituto com muita expectativa, leem tudo o que se pede para ler, dramatizam o que se pede para dramatizar.

Já os mais antigos, alunos dos terceiros anos, contou-nos que além de não terem muito tempo juntos, porque são apenas duas aulas por semana, têm que dar conta das redações para os vestibulares, pedir para refazer, escrever, reescrever e prepará-los, já que é a forma que encontra de fazer com que esses alunos não sejam apenas técnicos. Relatou que na realidade eles aprendem consigo sentando junto a eles, explicando, dizendo o que pode ou não fazer, enviando recados imensos com instruções de como eles devem fazer os textos, da harmonia entre os parágrafos, entre as margens.

Me comunico por esses bilhetes, que têm tido um resultado muito grande, a conversa de corredor que é tão defendida no livro do professor Bazzo, em que há fóruns maravilhosos nos corredores com o aluno de forma desprendida, essas conversas de corredores surtem um efeito muito grande e é verdade. Eu tenho exemplo de conversas de corredor, de chamar o aluno e dizer: “olha, eu não quero mais que você faça assim, você tem potencial, você é um aluno tão bom, maravilhoso”. E o aluno ser transformado da água para o vinho com uma conversa de corredor, é muito lindo isso, eu acho que todo professor deveria ler Walter Bazzo. E como eu me vejo como professora, eu me vejo como essa pessoa muito preocupada não com o conteúdo, não é o conteúdo que é mais importante, eu não tenho preocupação em cumprir o programa. Uma

vez fiz uma cartinha para o Rubem Alves que dizia: “com você aprendi a receita de esquecer os programas escolares e dei um livro para ele, também, que fala das Receitas de olhar de Roseana Murray. E essas receitas eu leio em sala de aula, dramatizando, por exemplo, Receita para pegar as estrelas: “vá para rua, dance na chuva, plante bananeira”. E eu chamo um aluno, vou lendo e ele tem que dramatizar, ir plantando bananeira e dramatizando essas receitas, depois eles escrevem suas próprias receitas e as recitas são lindas e criativas, cada vez que esse aluno lê, é uma felicidade para mim, então, eu sou uma pessoa muito feliz, porque todos os dias a minha sala de aula tem algo original, inédito, um aluno escreve um texto, lê e dramatiza.

Açai nos conta que quando houve a possibilidade de entrar no mestrado do IFAM não queria, mas um amigo, que inclusive fez um agradecimento para ele em sua dissertação, falou: “Isso que você faz, tem que ser legitimado, já é trabalho de mestre! Você só precisa de um título, não vai ter dificuldade” e ela pensava: “que nada, eu lá vou me meter no mestrado, não quero saber não” Não queria de jeito algum. Então, seus alunos leram a crônica de Rubem Alves chamada “A pipoca”, que tem três títulos, porque como nos contou, Rubem Alves já tinha certa autonomia para isso, trocava os títulos, assim, uma se chama “A pipoca”, outra “Milho de pipoca”, outra “Pipocas ou piruás”.

Nessa crônica o autor diz que o milho para se tornar pipoca tem que passar pelo fogo, tem que sentir um calor muito forte, tem que ser provado pelo fogo para poder se transformar naquela pipoca branquinha, cheirosa, saborosa e poder fazer a alegria da festa. Descreveu-nos que seus alunos leram essa crônica, três dias antes de terminar as inscrições para o mestrado. Normalmente, eles leem, escrevem e depois socializam. Enquanto socializavam, eles diziam: “eu serei uma pipoca, eu quero ser uma pipoca branquinha, cheirosa e gostosa e você? Se você não se transformar em uma pipoca, o seu destino vai ser o lixo”. E olhavam para sua professora, outro aluno disse: “a pipoca é tudo de bom, faz a festa, mas se não se transformar em pipoca vai ser um milho duro e o que você quer ser, uma pipoca ou um milho duro? Que seu destino vai ser o lixo”.

Eu pensei: “meu Deus esses meninos estão falando comigo, isso é para mim, eu não posso continuar assim, eu vou fazer o mestrado” e fui, fiz o projeto três dias antes de terminar as inscrições e fui aprovada graças à crônica de Rubem Alves, graças ao que os alunos escreveram e à poesia também [risos]. Eram calouros, eles recém entraram no Instituto, já me dando lição de vida, sabe, então nós pensamos que o professor ensina, mas ele recebe muito mais,

aprende muito mais. Infeliz daquele professor que acha que está ali para ensinar, porque eu aprendi que professor não ensina nada, ele se apropria de um estudo feito por outro, por um livro didático, passa para os alunos e “se acha”. Mas como? Se ele não criou nada. Não escreveu nada, está lá reproduzindo um conteúdo de um estudo que outro fez, ele se apropria e acha que está ensinando. Então, se além de ele não estar ensinado, ele não estimular, não animar, não orientar, não ajudar, o que ele fez? Nada. Então, eu aprendi que nossa missão na sala de aula não é ensinar, porque pouco nós sabemos também, mas é de estimular, orientar, ajudar. E o trabalho por projeto é isso. O aluno está ali trabalhando e você só orientando, ajudando e no fim o aluno sai protagonista, pode dizer que fez, que criou algo.

Açai mencionou o livro digital feito pelos alunos, com imagens, digitação, produção e o cordel. O livro digital é um exemplo de trabalho feito totalmente pelos alunos, no qual a professora apenas orientou o uso de uma palavra ou outra para fazer a rima melhor. Contou-nos que perguntava se estava melhor mesmo e o aluno era quem decidia. Assim aconteceu também na produção textual, quando pedia para o aluno refazer de acordo com suas orientações e dizia: “e agora? Compare os textos e veja qual ficou melhor? ”.

Disse-nos que se trata de fazer o aluno enxergar que há caminhos, há outras possibilidades, que escrever é a arte de mexer com as palavras, se uma não estiver boa, deve ser retirada e outra deve ser colocada em seu lugar. Realçou que o papel do professor excede a transmissão de conhecimento e, conforme Imbernón (2014), a profissão compreende outras funções, tais como a motivação, a luta contra a exclusão social, a participação, a animação de grupos, as relações sociais, bem como a capacidade reflexiva em grupo.

Após ter passado pelo mestrado, considerada uma experiência ímpar em seu desenvolvimento, contou-nos que quando estava lá, igual à pipoca passando pelo fogo, dizia que não queria mais saber de estudar, que não queria mais saber de nada e quando terminasse esse mestrado gostaria de relaxar. Mas disse que no momento em que ouviu a banca dizendo que seu trabalho pode ter desdobramentos, pode ainda tomar outros caminhos, então começa a pensar que ainda pode contribuir, que ainda é possível superar sua contribuição.

É como um parto normal, igual ao que eu fiz, pari em um dia e no outro já estava lá fazendo vestibular. Aquela dor já acabou, eu digo isso nas minhas considerações finais, que eu sentia um misto de medo e alegria. Medo de decepcionar meu orientador, medo de não

dar conta. E eu com a minha “leiguice” em informática, falava para a professora Andréia que eu era tecnofóbica, mentira, só invenção, porque eu não sei muita coisa, então, criei essa frase de que eu sou tecnofóbica. E quando eu fui fazer a disciplina de Ensino e TICs, falei “professora eu não sei nada de informática” e ela disse: “você sabe passar e-mail? ”, e eu disse: “sei”. E ela completou: “então está bom! Só precisa disso.” [Risos]. E me perguntou: “Você tem uma conta de e-mail? ”, eu falei: “tenho”, ela disse: “então pronto, só precisa disso”. E realmente, só com uma conta de e-mail, nós conseguimos um êxito muito grande na disciplina Ensino e TICs que já resultou em um capítulo de livro, já resultou em um livro digital, em um blog e no segundo capítulo da dissertação, [risos] só passando e-mail. E é isso, eu já estou pensando no doutorado e pensando que o que mais me deixa feliz é essa legitimação, isso não é uma loucura, isso não é só língua portuguesa, é língua portuguesa e muito, muito mais. Vai além da gramática, vai para a vida, para a poesia, vai caminhar junto com o científico, eu costumo dizer que agora, daqui para frente Ciência e Poesia caminham juntas, de mãos dadas [risos].

Seu trabalho no mestrado do IFAM é, sobretudo, inspirador para que outros professores tomem conhecimento e consciência de que é possível realizar uma proposta diferente, científica, ousada.

Quem disse que a Ciência tem que ser como sempre foi? Nós aprendemos isso no mestrado com a professora Ana Cláudia, que nos mostrou que a Ciência não revela a verdade, o que era verdade hoje, não vai ser a verdade de amanhã. A Ciência tem seu rigor científico, mas existem as quebras de paradigmas. E isso ficou muito claro, tanto é que quando eu encontrei com ela, falei: “professora Ana Cláudia, vá assistir à minha defesa, porque é uma quebra de paradigmas”, ela disse: “eu vou, porque a Ciência está aí para ser questionada, para ser modificada, para ser inovada, já que não é estática, nem revela a verdade, não é uma verdade absoluta”.

Açaí, como professora reconhece que o processo formativo docente tem dificuldades, mas que todos os percalços podem ser superados em prol do desenvolvimento profissional, em favor de se tornar uma professora aberta a um novo horizonte, a um novo caminho, a uma nova maneira de caminhar, comunicativa e apta a apresentar aos alunos novas possibilidades no ensino, disposta a ir além do convencional, pronta para ousar e reinventar a sala de aula no entrelaçar da fibra de seu próprio traçado, que conjuga sua vida e sua lida em uma só trama.

Capítulo 3 - Expressando-se no compromisso profissional

Uma palmeira ativa, sempre alerta e que como seu fruto revigora a cada fim do dia para o próximo dia de trabalho. Bacaba nasceu em Manaus, Amazonas, relatou-nos que iniciou sua vida escolar muito cedo, ingressou com 17 anos de idade no curso de graduação em Arquitetura, dedicou-se durante alguns anos aos filhos, momento em que não trabalhou nem estudou, mas resolveu retornar aos estudos, especializou-se, obteve êxito no concurso para docente do Instituto Federal e encontrou no mestrado novas maneiras de olhar sua profissão.

Ao descrever sua trajetória, Bacaba fez emergir os momentos mais relevantes de sua formação. Disse-nos que não lembra de seu primeiro dia de aula, porque era muito pequena, então reproduz o que sua mãe conta. Foi para escola muito nova, com um ano e poucos meses como nos falou. E a partir de então, veio o Ensino Fundamental, Ensino Médio, períodos que não nos deu detalhes, Graduação, que iniciou com 17 anos e concluiu em 6 anos. Após a graduação parou de estudar e trabalhar por bastante tempo para se dedicar aos cuidados de seus filhos. Retornou à vida acadêmica fazendo duas especializações até ingressar no Mestrado Profissional em Ensino Tecnológico (MPET) do IFAM na turma de 2015.

Começou a ministrar aulas recentemente. Disse-nos que sua primeira experiência foi como estagiária na faculdade em que estudava, porém não em sua área de formação. Era estagiária, bolsista, trabalhava na área administrativa. E sempre trabalhou na área administrativa, até o ano de 2014, em que começou a trabalhar como professora no IFAM. Disse-nos que antes não teve nenhuma vivência em sala de aula, nem preparo para ser professora, por ter feito um bacharelado. E o que a preparou para o mundo acadêmico foi o próprio mestrado do IFAM, por isso retratou o encontro com a Educação Profissional como um impacto:

Quando você pega o edital do concurso, lá não diz para quem você vai dar aula, para que curso você vai dar aula, faixa etária, nada. E eu nunca tinha sido professora na minha vida, numa sala de aula de escola. Tinha dado aula na igreja, mas nunca em uma escola, só na escola dominical da igreja. E, aí, cheguei no IFAM...pensei...vou ser professora. Entrar numa sala de aula com 44 alunos, isso já foi um impacto. Quanto à formação profissional, eu não senti tanto impacto,

porque eu venho de um bacharelado. Então, eu fui formada para ser uma profissional e eu, basicamente, copiava aquilo que eu via meus professores fazerem, embora eu soubesse que tinham algumas coisas que precisavam ser ajustadas e personalizadas. Mas eu não via diferença, porque eu não tenho experiência em ensino fundamental, em ensino básico. Eu não vi essa diferença de educar para a formação acadêmica e educar para a formação profissional. Como eu já dou aula na área técnica, então a minha cabeça já é moldada para aquilo, eu já digo para o aluno: você vai sair daqui para ser um profissional, você vai atuar nessa área, se você quiser. Então, eu não tenho, assim como comparar educar para a formação acadêmica e educar para a formação profissional.

Em seu discurso, Bacaba nos remete aos exemplos, aos elos (JOSSO, 2006), que seguiu para construir seus modos de ser e estar na profissão (NÓVOA, 2007) por meio do fazer docente dos professores que teve durante a graduação. Sugere-nos que seu desenvolvimento profissional docente ocorreu de modo autônomo (GARCÍA, 1999), visto que sua formação inicial não foi estruturada para ser professora, mas sim bacharel, o que estabelece um entendimento da autoformação como um fator que concorre para o desenvolvimento profissional, já que os caminhos que traçou se direcionaram à docência.

Quando chegou ao IFAM, o impacto de não conhecer como funcionava a Educação Profissional e Tecnológica começou no próprio concurso, porque um dos conteúdos que tinha para estudar era a Legislação de Educação Profissional. Bacaba já trabalhava no IFAM, era concursada como técnico administrativo. Já conhecia o ritmo da instituição, mas não tinha a vivência de sala de aula conforme nos explicou, que sabia da existência da educação profissionalizante, do ensino técnico, mas em seu início como professora, começou estudando a Legislação e sua vivência foi se constituindo devagar em sala de aula.

A experiência construída pouco a pouco evidencia que o sentido do desenvolvimento profissional do professor depende de sua vida pessoal e profissional e das políticas e contextos escolares nos quais realizam a sua atividade docente (DAY, 2001, p.15). Bacaba se encontrava na mesma instituição em que trabalhava, no entanto em uma condição diferente, tornou-se professora no Instituto Federal, no entanto percebeu que não compreendia o funcionamento da EPT e que a instituição não possuía um mecanismo para explicar tal modalidade. Enxergou, então, que sua experiência seria gradativamente constituída em sua prática docente.

Identificou como desafio nesse processo, não de sua parte em si, mas em geral de suas observações a dúvida de como o mercado vai receber todos os profissionais que o Instituto coloca, formados, no mercado de trabalho e no mundo do trabalho. Disse ser uma pessoa otimista com relação aos desafios e que faz o possível para trabalhar bem perante situações difíceis. Relatou-nos que nem tudo consegue resolver sozinha:

Por exemplo hoje, na sala que eu dei aula, o ar-condicionado não funcionava e eu tinha metade da iluminação funcionando. São questões que se vai convivendo e tem toda aquela parte burocrática que você: comunica um, que vai comunicar o outro, que vai comunicar outro, que vai resolver o dia em que ele vai poder resolver...e temos que ir lidando com esse tipo de situação dentro instituto.

Quando falamos sobre suas escolhas, renúncias e relação familiar com sua vida profissional, disse-nos que sempre trabalhou um pouco fora e um pouco dentro de casa, mesmo quando era concursada como Técnico Administrativo, mantinha paralelamente seu desenvolvimento como bacharel em Arquitetura e Urbanismo, em que já trabalhava em casa, sempre tendo um lugar onde se sentar, abrir o computador, estudar e trabalhar. E sua família, com origens dos estados do Amazonas, Rondônia, Ceará e Piauí, sempre soube disso. Quanto ao suporte familiar, contou-nos que seu pai lhe dá apoio em Manaus e assim vai ajustando sua vida.

É claro que não tem tanta tranquilidade trabalhar em casa, estudar em casa. E, ser professor...é levar muito trabalho para casa e eu trabalho [em casa] com menino chutando bola atrás de mim, com a bola, às vezes, batendo na minha cabeça. Porque eu não posso me dissociar da minha profissão e eu preciso levar trabalho para casa, lançar nota, corrigir exercícios, tudo isso é feito em casa. Aqui no instituto eu não consigo fazer. É uma maneira até de estar mais em casa, fisicamente, mas o pensamento ainda não está cem por cento lá. E, às vezes, tenho que parar o trabalho, deixar tudo lá e voltar de madrugada, para poder... dar conta de tudo que tem que ser feito.

Realçamos, nesse ponto do discurso, a autonomia que trata de um processo dinâmico (CONTRERAS, 2002), em um contexto de relações, se for acompanhada de um processo interior de compreensão e construção pessoal e profissional. Bacaba compreende a necessidade de crescimento e continuidade profissional,

contudo faz esforços para conciliar seu trabalho docente com sua vida pessoal, buscando assim autonomia sobre o seu próprio processo de desenvolvimento.

Enquanto conversávamos sobre quais foram os investimentos, não apenas financeiros, mas pessoais, Bacaba nos contou que o investimento financeiro foi total, porque nunca estudou em escola pública. A primeira vez que fez um curso sem pagar por seu estudo foi no mestrado do IFAM. Relatou-nos que toda sua vida na escola, na faculdade, nas especializações foi paga.

Então já começa por aí, pelo investimento financeiro que sempre foi altíssimo, por exemplo, minha faculdade em 1995 custava 600 reais, tem mais de 20 anos. Com relação ao meu próprio investimento, eu sempre fui comprometida, porque se eu estou pagando, eu preciso aprender de qualquer jeito. Eu sempre estudei a noite, minha graduação foi noturna. Foram seis anos estudando a noite. Minha especialização era no fim de semana ou então era a semana toda estudando a noite. E, aí, você tem que deixar filho pequeno, deixar compromissos, deixar diversão. Tem que ter comprometimento e era o que eu tinha.

Evidenciamos o compromisso e a responsabilidade para com sua formação perante os investimentos realizados e percebemos que Bacaba foi capaz de planejar, dirigir e selecionar suas atividades de formação, constituindo sua própria imagem pessoal e visão como profissional conjugada mais tarde como realização na qualidade de profissional do ensino (GARCÍA, 1999). No momento em que falávamos sobre motivações e desenvolvimento profissional, Bacaba se questionou:

Por que o Mestrado Profissional do IFAM? Não sei te responder, mas quando você entra em uma Instituição Federal, em uma vida que você vai lecionar, precisa do mestrado, tanto financeiramente, porque é preciso aumentar nosso salário e você precisa crescer de forma acadêmica. Então minhas motivações são tanto o lado financeiro, quanto o crescimento profissional. E eu venho de uma família que é toda acadêmica também. Mas eu não tinha, a princípio, que fazer um mestrado, porque eu trabalhava em uma instituição que não iria agregar valor financeiro para isso. Depois que eu criei meus filhos e que eu voltei a estudar...aí, eu disse: agora eu vou para a pós-graduação. Essa foi a quarta prova de mestrado que eu fiz, há quatro anos estava tentando entrar em um mestrado. Mesmo antes de eu entrar no IFAM, eu já fazia prova de mestrado, não porque eu queria ser professora, mas porque eu já queria crescer profissionalmente.

Relatou-nos que as tentativas em outros mestrados não foram na área da Educação, estavam mais próximos de sua área de formação, Arquitetura, mas como já estava na instituição, trabalhando com a docência, tentou o mestrado no IFAM e que a

escolha uniu o útil ao agradável, fazendo-nos perceber que sua necessidade de buscar formação profissional foi encorajada pela prática em sala de aula (DAY, 2001), pelas experiências como professora. Enquanto falávamos sobre escolhas, trabalho docente, inserção em uma instituição de Educação Profissional, questionamos Bacaba sobre qual sentido era conferido ao seu trabalho e como ela se enxergava nesse processo.

Eu me enxergo como uma formadora de profissionais. Então, todas as aulas que eu ministro sempre vai ter alguma fala minha como: “olha, daqui a uns dias vocês vão estar trabalhando”. Embora eu saiba que a maioria deles não vai seguir por essa área, no caso, o curso que eu dou aula é Paisagismo. Trabalho com três disciplinas: Desenho Técnico, Introdução ao Paisagismo e Projetos Paisagísticos I. Não sei, mas eu tenho consciência que grande parte não vai ser paisagista, porque não quer. Eu sei que muitos deles estão lá só porque a mãe matriculou, ou porque era o único curso que era perto da casa dele, ou porque foi o que ele achou melhor de todos os outros que tinham no campus. Mas eu me enxergo como uma formadora de profissionais, embora eu saiba que alguns deles não serão paisagistas, o meu posicionamento em sala de aula é que eu estou formando um profissional. Às vezes, eles olham para mim e dizem: “professora, eu não vou ser isso! ”. Eu digo: “Não importa, para mim, não importa, mas eu estou dando aula para você ser isso!

Em seu discurso, enxergamos, nesse ponto duas dimensões da profissionalidade (CONTRERAS, 2002), a obrigação moral e o compromisso com a comunidade. Bacaba reconhece que o professor deve estar comprometido com seus alunos, no entanto fica evidente que esse processo causa uma certa tensão, revelado em suas palavras quando nos disse que “não importa, mas estou dando aula para você ser isso! ”. Parece-nos, embora não fique explícito, que o comprometimento com o conteúdo da disciplina se sobrepõe ao compromisso em desenvolver o aluno como pessoa, como se a formação profissional do aluno estivesse priorizada em detrimento da individual, fato que difere totalmente da prioridade e opinião das outras palmeiras de nosso traçado. E quanto à relação com os alunos em sala de aula, Bacaba nos descreveu que:

Há vários momentos. Nos momentos iniciais, no começo do ano, quando eles não se conhecem e eles não me conhecem, eles não sabem porque estão ali e não sabem o que é Paisagismo. Tem o momento em que eles já me conhecem e eles já sabem até o que eu vou dizer. E tem o momento, como estamos agora, nessa última disciplina, Projetos Paisagísticos I, que por exemplo, ontem, foi uma aula muito legal, eu deixei um grupo apresentando e os outros criticando o trabalho que estava sendo apresentado. Então, chegamos a

um ponto que eu não precisei fazer intervenção no erro do grupo, porque eles já amadureceram nesse processo de conhecer um pouco da disciplina, de conhecer um pouco da profissão, das práticas da profissão e de reconhecer o que precisava ser melhorado no trabalho do outro e no próprio trabalho. Eu vejo amadurecimento neles, embora eu entendo que alguns deles não vão seguir essa área. Mas eles amadurecem nesse processo.

Ao conversarmos sobre fatos significantes em seu desenvolvimento profissional, Bacaba destacou:

Eu acredito que o mestrado foi, assim, um ponto muito importante. Tanto que na minha prova oral, na entrevista, eu falei para os membros da banca que eu acreditava que o que aprenderia nesse mestrado, talvez fosse o que estava faltando para me ajudar em sala de aula, até porque eu não vinha de uma formação para ser professora, eu não vinha de uma licenciatura. E, eu acreditava que ia aprender técnicas, métodos e ia conhecer autores e pessoas que iriam colaborar para que eu pudesse...não digo incrementar...não é a palavra, mas...tornar as aulas mais significativas e tornar o aprendizado significativo para os meus alunos... E, eu acredito que melhorei muito como professora, pelo que eu aprendi, pelo que eu li, pelo que eu fui levada a conhecer, pelo que os professores mostraram...que eu acho que sozinha, iria conhecer, mas iria demorar mais um pouquinho, eu não iria encontrar alguns autores, eu não iria ter algumas oportunidades, eu não iria buscar tão rapidamente como foi com o processo do mestrado.

Quanto às disciplinas, ao seminário de projetos e ao processo de pesquisa do mestrado, Bacaba nos contou:

Eu não tive, assim, muito tempo não, porque foi tudo muito intenso. Nós tivemos as disciplinas uma após a outra. Então, tínhamos aula de segunda a sexta de manhã. A tarde era para ler os textos. A noite era para produzir os textos. Era assim. Foi de agosto (2015) até janeiro desse ano (2016) nesse jeito. Então, teve uma disciplina que nós íamos para a floresta de manhã, de tarde íamos para outra aula, de noite fazíamos outras coisas, por exemplo, jantávamos com a família e de madrugada nos encontrávamos no Google Drive. Então, eu não tenho como dizer: eu me descobri, eu me achei, porque eu não tive esse tempo...foi um impacto do começo ao fim. Então, no dia 11 de janeiro de 2016 quando eu entreguei o último trabalho, eu falei assim: “até que enfim acabou!” [risos] “não tem mais disciplinas!”, mas agora já são outras coisas...foi tudo muito intenso, não tive tempo de “respirar”...E a pesquisa...ela está andando...o produto eu estou na fase da ideia do que eu quero fazer, mas eu ainda não escrevi muita coisa. Mas já está delineado, a prática já está toda feita, a aplicação já está toda feita. Mas o que eu tenho que fazer agora é escrever, analisar os dados e ajustar a fundamentação teórica, ainda tem alguns ajustes para fazer.

Ao falar de sua relação no ambiente de trabalho, disse-nos:

Eu me sinto completamente abraçada pelo meu campus. Tudo que eu preciso, o que está relacionado ao pedagogo, à direção geral, à direção de ensino, à coordenação de ensino, tudo o que eu preciso...é só pedir, trabalhar, que eu consigo, por exemplo, eu cheguei no campus e nós não tínhamos laboratório de desenho técnico. E, eu perguntava: “onde é que todo mundo desenha aqui nesse campus?” ...ah, não tem, não tem, não tem... “e, como é que eu faço para ter?” ...ah, você tem que fazer um termo de referência... “e, o que é um termo de referência, como é que faz?” Fiz o termo de referência...um ano depois, nosso laboratório de desenho está lá, com 40 mesas, 40 pranchetas, com régua paralela, banquetas...consegui desmontar uma sala com divisórias, pedi do diretor e ele desmontou a sala para caber tudo. Então eu me sinto abraçada, eu me sinto apoiada, tudo que pedimos, praticamente, conseguimos, o que está dentro do possível deles também. Recentemente, nós trouxemos um palestrante de São Paulo, Marcelo Rebelo que fez uma palestra na FAS (Fundação Amazonas Sustentável) e eu entrei em contato com ele, perguntei se ele viria, se falaria para os nossos alunos de paisagismo, de 13 a 18 anos. A direção conseguiu uma diária para ele, em tempos de crise...uma diária? Ele foi ao campus e falou para os meninos (alunos). Então, eu não tenho do que reclamar, porque se queremos fazer algo, temos que preencher um papel, seja um termo de referência, seja um projeto de extensão ou um projeto de pesquisa ou um projeto cultural. E, se fazemos e é aprovado, conseguimos fazer o que tem que ser feito. Eu vejo muitas pessoas reclamando, mas elas não vão atrás.

Em seu discurso podemos evidenciar que a busca pela formação docente se apresentou não apenas por meio do mestrado, mas também pelas relações que constituiu no ambiente de trabalho, tanto com os alunos quanto com os colegas, o que realça a constituição docente pelos elos (JOSSO, 2006) formados ao longo da trajetória do professor. Quando perguntamos se Bacaba se sentia realizada com o trabalho que desempenhava, respondeu:

Eu não sei, ainda, te responder. Não sei não. Ainda está muito cedo. Ainda não terminei nem o estágio probatório. Mas eu não reclamo, porque tem gente que queria está no meu lugar, tem gente que queria ter isso (função) que eu tenho. E eu vou, com chuva ou com sol. Meus alunos dizem: “professora, a senhora não falta?” Eu digo: “menino, eu já estou morta? Não! Então, não dá para eu faltar!” [Risos] porque até quando eu vou faltar, aviso um dia antes.

Com suas afirmações durante nossa entrevista, realçamos que o fazer docente, as ações como profissional, os valores que possui, bem como a experiência da

professora deve ser entendida como um saber, conforme enuncia Bondía (2002), que revela ao homem concreto e singular, entendido individual e coletivamente, o sentido e o sem-sentido de sua própria existência e finitude. Conjugando, desse modo, o ser ao profissional em um processo de construção identitária (NÓVOA, 2007).

Capítulo 4 - Um revelar-se na docência

Inajá, uma palmeira quieta, arriscaríamos dizer tímida, mas que como nos conta o folclore brasileiro representa uma linda índia, símbolo de graça e beleza, conforme pudemos perceber nas entrelinhas da história de Inajá que nasceu em Parintins, município situado às margens do rio Amazonas, mas ainda jovem veio estudar Administração em Manaus. Após a graduação, momento em que já não morava mais com sua família, direcionou seu foco aos concursos públicos na área administrativa, mas considera ter encontrado na docência, contato que pôde vivenciar na Universidade Federal de Roraima, uma forma de se tornar realizada profissionalmente.

Ao rememorar e descrever sua trajetória, Inajá iniciou frisando que nunca, jamais, pensou em ser professora, que seu foco ao concluir a graduação era ser aprovada em um concurso e trabalhar em um órgão público. Assim, optou por fazer uma especialização na área de gestão e continuou estudando para concursos, fez cursos preparatório, aulas particulares e se dedicou bastante. Disse que fazia todos os concursos que surgiam na época, foi aprovada e chamada a tomar posse em Boa Vista, Roraima, um cargo na Secretaria de Saúde, como Administrador.

Foi para Boa Vista, mas relatou que continuou estudando para passar em outro concurso, melhor, federal, já que tinha esse foco. Após um ano trabalhando em Roraima soube de um processo seletivo para professor substituto na Universidade Federal de Roraima. Como o órgão, no qual trabalhava, funcionava apenas de 07:30 as 13:30, contou-nos que ficava o resto do tempo livre para estudar, realizar outras atividades e no edital para professor substituto da Universidade constava carga horária de aula pela tarde e à noite.

Inajá disse que nunca havia pensado na possibilidade de ser professora, mas fez o processo seletivo, também estimulada por amigos que a motivaram na tentativa. Teve sucesso e foi chamada para assumir o cargo. Inicialmente, afirmou ter ficado em dúvida, mas aceitou o desafio, revisou o conteúdo da disciplina que ministraria, Orçamento e Finanças, e enfrentou seu primeiro dia de sala de aula como professora, com as mãos tremendo no quadro e medo que os alunos perguntassem algo que não soubesse responder.

Com o passar dos meses, disse que ganhou mais uma disciplina, depois outra e outra, ficando com três disciplinas ao fim do semestre. Começou a se identificar com as aulas, conforme relatou, se dedicar mais que ao outro emprego, no órgão público, cujo vínculo era seguro.

Foi uma experiência que eu nunca mais...nem sei imaginar minha vida sem a sala de aula. Me cativou mesmo. Foi algo que eu gostei muito e fui muito bem recebida pelos alunos. E, então, minha trajetória inicial na docência é essa, totalmente despreziosa, não foi planejado, foi por um acaso, mas que fui tentando, como sempre falo para os meus alunos, me inspirar nos meus piores professores, porque eu jamais quero ser igual a eles. Então fui consolidando isso, mas professor substituto fica só dois anos e no final quando eu tive que sair, nossa...eu não queria deixar aquele ambiente da Universidade Federal de Roraima e vários alunos falaram: “poxa, não acredito”, porque eu peguei uma turma logo no primeiro semestre e ficamos juntos até o terceiro, nos envolvemos com a Administração. Meu primeiro amor é a Administração e meu segundo a docência, então eu juntei os dois, porque eu não me vejo sendo outra coisa que não administradora e professora.

No mesmo período em que finalizou o contrato com a Universidade de Roraima, surgiu o edital para o concurso do IFAM. Inajá contou que já estava estudando o conteúdo geral solicitado para o concurso e o específico compreendia as aulas que ministrava em suas disciplinas como professora. Considerou que teve sucesso na prova escrita e em todas as outras fases e assim foi chamada a assumir o concurso em seu último ano de contrato com a Universidade.

Eu fiquei muito, muito feliz mesmo, porque agora eu seria só professora, eu não gostava mais da minha atividade de administrador público do outro concurso, porque nós víamos muita coisa errada e eu não gostava de ver isso, principalmente na área da saúde, eu trabalhava em um setor que era muito...como eu posso dizer...nós sabíamos de todas as fraudes do governo e tínhamos que acobertar aquilo e eu ficava muito revoltada com isso, então é algo que eu não quero nunca mais para a minha vida, tanto que eu fui nomeada na Suframa, cheguei a ir, mas voltei para o IFAM, porque foi de novo uma experiência que não era para mim. Tanto que eu pensei: “eu prefiro tornar pessoas melhores do que compactuar com essa sujeira! Eu prefiro poder ter a chance de transformar pessoas”. No caso, os meus alunos, tanto que eu...eu não me prendo só ao conteúdo, eu gosto...sempre gostei de dizer a eles da vida.

Em seu discurso, podemos evidenciar o cuidado e a preocupação com o bem-estar dos alunos, estabelecimento de vínculos com o alunado, o desejo de um bom ensino

e de sentir-se compromissado (CONTRERAS, 2002) com valores e aspirações educativas. Realça o comprometimento que o professor se atribui para com os alunos, o compromisso de educar o aluno não para um exame vestibular, não para uma disciplina que obedece aos parâmetros curriculares, mas educar o aluno para as situações da vida.

Inajá nos disse que não possuía nenhum conhecimento de Educação, nunca tinha estudado Educação em sua vida antes da prova do mestrado e do concurso em que foi aprovada para o IFAM, mas que constava no edital que haveria dois meses de formação para entendimento da dinâmica dos institutos e, conseqüentemente, da Educação Profissional e Tecnológica. No entanto, afirmou que essa formação nunca houve:

Na verdade, vamos abrir parênteses aqui, eu só fui entender o que é essa Educação Profissional e Tecnológica no mestrado. Então, eu estou no IFAM há cinco anos...desses, três anos eu fiquei dando aula por pura intuição, porque é bem precária nossa orientação pedagógica. Eu entendo que ser pedagogo em uma escola normal é uma coisa, mas ser pedagogo dentro do instituto é outra totalmente diferente e a maioria dos pedagogos que vão para lá (campus Presidente Figueiredo) não têm esse conhecimento, apesar de terem estudado, apesar de na prova do concurso ter constado esse conteúdo, mas a aplicabilidade é zero, não há formação. Assim como eu não sabia, posso dizer que quase 70 por cento dos meus colegas não sabem dizer o que é a Educação Profissional e Tecnológica. Então, eu cheguei no campus (Presidente Figueiredo) e só me disseram: “você vai dar aula para o Subsequente, nós temos Integrado e Subsequente”, mas nunca me disseram o que é o Integrado, o que é o Subsequente, mas eu fui descobrindo, dando aula, mas nunca eu direcionei que naquela minha aula eu estava formando. Hoje eu já sei que eu estou formando cidadãos, que precisam ser autônomos e envolvidos em toda uma questão social e política. Eu fazia isso, porque sempre achei que devemos dar essa formação para a vida, mas não que alguém tenha me orientado. E na questão de inovar, eu sempre gostei de fazer as coisas diferentes com os alunos, sair dessa rotina tradicional, o que também era feito de forma intuitiva, sem nenhum direcionamento. E, quando me via em uma situação em que não sabia o que fazer, eu corria com a pedagoga. Horas eu tinha uma luz, horas eu ficava no vácuo e assim, eu me virava e até hoje eu penso: “nossa, como é que eu consegui dar aula assim!?”

Inajá relatou que começou a trabalhar, no campus Presidente Figueiredo, com alunos da modalidade Subsequente, isto é, alunos que buscam um curso profissionalizante, mas já concluíram o Ensino Médio. Nesse momento surgiram os primeiros desafios e o impacto de ter que adaptar a sua disciplina, os conceitos da

Administração, ao contexto de alunos de comunidades (ramais) adjacentes ao município de Presidente Figueiredo.

Eu tive muitos desafios e tive que rever todos o meu modo de ministrar aula. E aí eu só fui acordar para o mundo e que eu tinha que ter uma nova postura quando eu tive que dar aula no Integrado, que eram alunos do Ensino Médio, que eu nunca tinha dado aula. Eu morria de medo de dar aula para eles, mas chegou uma hora que tinha a disciplina de Administração e só tinha eu para dar essa aula, aí eu tive que ir. Eu lembro que a pedagoga disse para mim: “ E agora tu vais ter que ir, porque eu não tenho para onde correr mais”. Ela postergou o que pôde, para ver se iriam outros professores, mas o meu concurso não tinha mais ninguém para ser chamado. Aí, eu fui, falei: Ah, está bom, então eu vou, já estou aqui mesmo”. E, no Integrado é que eu tive que rever tudo, porque eram alunos diferentes dos que eu já havia tido contato... tu sabes né [risos]...nós temos que controlar um pouco mais, estar mais atentos. E, foi nessa hora que tudo a respeito da Pedagogia fez falta. Eu não sabia como funcionava, mas eu sabia que existia e que eu tinha que aprender isso, porque se não, eu não teria condições de ministrar aulas para eles.

Então, a partir desse momento, Inajá nos contou que decidiu que faria mestrado após o término do estágio probatório, pois embora pudesse, não queria interromper esse período. Disse que os próprios professores do campus (Presidente Figueiredo) lhe cobravam, alguns colegas que já estavam começando o doutorado e tinham entrado junto com ela no concurso. Destacou ter buscado alguns programas de pós-graduação e tentou o mestrado do IFAM em 2014, quando já começou a ler algumas bibliografias e ter uma visão diferenciada da Educação, mesmo sem se aprofundar. Relatou ter feito o processo seletivo para o MPET, no entanto não obteve êxito e sabia que não iria passar, mas queria testar seus conhecimentos. Tentou uma segunda vez na turma de 2015/2 e conseguiu aprovação.

Nós entramos no meio de 2015. Entrei, mas sempre...assim...desconhecendo muitas das coisas, mas eu sempre ia na intuição, porque é meu isso de querer fazer diferente, de achar que se eu ficar só dando aula, o aluno vai achar chato, então eu sempre fiz atividades diferenciadas em sala de aula, tanto que os alunos sempre gostavam e eu tentava explicar os conteúdos de Administração de outra forma.

O mestrado se apresentou à Inajá como formação contínua a medida que surge como oportunidade de colaborar, de modo significativo, como nos mostra Day (2001), ao seu desenvolvimento docente na escola, conforme considera em seu discurso a necessidade de buscar conhecimento na área da Educação para dar continuidade à sua prática em sala de aula.

Quando conversamos sobre a relação de Inajá com seus alunos, relatou que antes do mestrado, na verdade antes da disciplina do professor Amarildo Menezes Gonzaga, que se constituiu em um elo (JOSSO, 2006) de seu processo formativo, enquadrava-se dentro da proposta positivista, porque acredita que a Administração lhe formou para ser positivista, o que lhe impulsionava a formar seus alunos para o mercado de trabalho.

Eu não vou nem dizer para o mundo do trabalho, que agora eu já sei o que é mundo do trabalho. Eu formava meu aluno para o mercado de trabalho, para que ele fosse um empreendedor, na disciplina de Empreendedorismo, para ele ter uma perspectiva de trabalhar em uma empresa, a minha visão era a visão do administrador. Eu estava formando alguém que iria trabalhar naquele mercado de trabalho. Então eu formava alunos para isso, era a minha concepção técnica, de trabalho técnico, totalmente positivista, tanto que eu demorei muito para sair dessa caixinha, porque eu não conseguia compreender esse universo da Educação.

Inajá nos descreveu o processo de mudança de posicionamento após ter cursado a disciplina Currículo e Transdisciplinaridade, no Mestrado, quando durante as discussões sobre currículo, sobre os problemas na educação, sobre como o modo de pensar a Administração a impedia de compreender outros caminhos e possibilidades:

Nós estávamos discutindo e discutindo, eu falava: “Meu Deus, por que não propor uma situação em que todos possam seguir igual e pronto. Como na Administração, em que se tem uma situação, vamos resolver o problema e todos vão seguir esse parâmetro”. Nossa, ele (o professor) quase foi à loucura, [risos], porque eu não tinha compreendido ainda que na Educação tem que levar em conta todo um contexto e eu demorei muito para me apropriar disso tudo. Era desconhecido para mim e eu não entendia como é que esse povo vive anos tentando encontrar uma solução para determinada situação e não encontra. Eu pensava: “Eu quero resolver isso[risos]...gente, vamos resolver essa situação, porque assim não dá”. [Risos] E eu tive que me libertar desse pensamento, até para a própria dissertação, porque não tinha condições de escrever assim. E eu formava meus alunos com essa concepção, por isso eu estou ansiosa para voltar para a sala de aula, porque minhas ideias estão

fervilhando e eu quero dar esse retorno, uma nova proposta para os meus alunos...eles têm que aprender isso, eles têm que descobrir essas novas situações e quem sabe um dia, um deles pode se tornar professor. Então, hoje a concepção que eu tenho do que é o instituto, da proposta dele, do que ele traz para população é outra. E eu estou ansiosa para aplicar tudo nas minhas disciplinas.

É perceptível que Inajá passou por um processo de mudança com a chegada ao mestrado, tornou-se sujeito e objeto de formação para si mesma (PINEAU, 2010) e enxerga em seus alunos a motivação para uma ressignificação da prática em sala. Mas também iniciou um processo de superação da compreensão do ensino na perspectiva da racionalidade técnica (CONTRERAS, 2002), passou a considerar a possibilidade de que as situações problemáticas da educação podem ser oriundas de diversos fatores, não apresentando, portanto, uma solução pronta e rápida conforme pensava antes.

Quando falávamos sobre relação familiar, Inajá contou que há muito tempo não mora com seus pais, aproximadamente quinze anos não tem grande vínculo com eles e com cidade onde nasceu, Parintins, município do Amazonas. Adaptou-se, assim, desde que veio morar em Manaus e depois quando foi para Boa Vista. Relatou que seu contato com os pais sempre foi distante, principalmente após completar 22 anos, quando terminou a graduação. Disse-nos que sempre foi muito independente e teve o espírito administrador dentro de si por meio dos planejamentos e das ações que empreendia.

Sobre ser apoiada pela família, sofreu barreiras quando de fato resolveu sair de um cargo em um concurso na Suframa e decidir ser professora no Instituto Federal do Amazonas, no campus Presidente Figueiredo.

Quando eu falei que ia sair para ser professora, a mamãe quase “morre”. Ela não queria, não queria mesmo, falava: “Como é que eu ia largar um emprego tão bom para voltar e ser professora lá em Presidente Figueiredo”. Ela não gostou, nem um pouco mesmo, e professora...minha própria família discriminava o professor, que já é tão discriminado. E aí, eu tive que falar para ela: “Mas mãe é o que eu gosto de fazer! O que adianta eu ir para a Suframa que é um lugar bom como a senhora acha e eu ir chateada todo dia, ter um dia péssimo de trabalho”. Eu prefiro ir para onde eu gosto...apesar de ganhar menos...e morar no interior, o que é algo que eu também gosto, não quero mais vir para Manaus. Eu falei: “é o que eu gosto e é a minha vida”.

Disse-nos que sua mãe concordou em respeitar a decisão e, em relação à família saber de sua rotina de professora, eles não sabem ou sabem bem pouco. A única pessoa que acompanha Inajá é seu noivo que também mora em Presidente Figueiredo e, recentemente, seu irmão que se tornou professor e que troca experiências de vez em quando com Inajá. Mas como sua formação é Engenharia Mecânica, Inajá o considera bem fechado aos conceitos da Educação, porém disse tentar transmitir a ele o que aprendeu no mestrado (IFAM), apesar de o irmão ser mestre, mas em uma área técnica.

Sobre os investimentos, motivações, escolhas e renúncias em seu desenvolvimento profissional (DAY, 2001), Inajá contou que sua motivação de ser professora é intrínseca, vem do prazer de ser docente, é a profissão que quer seguir, até porque, conforme explicou, poderia estar empregada em outro lugar, inclusive ganhando muito mais do que ganha, mas quer ser professora, quer estar nesse cotidiano, o que mais a motiva é o contato com os alunos, considerado por ela fantástico, pois aprende muito, se sente atraída por isso e por poder ensinar. Expressou que se sente satisfeita quando sai da sala de aula e vê que todos entenderam.

E quando passa tempos e os alunos voltam dizendo que lembraram de mim em alguma situação que viveram, essa é minha maior motivação. Agora, quanto a largar coisas, renunciar, até agora, ao longo desses sete anos, não aconteceu nada assim, pelo contrário eu ter virado professora de forma efetiva, para mim foi um ganho, porque eu vim de mais longe para mais perto da minha família. Em Roraima o acesso era muito mais difícil para eles virem ou para eu ir à Parintins. E em Presidente Figueiredo é mais próximo. Então para mim não teve perda, sempre houve ganho, a profissão docente só me trouxe ganho, me trouxe o mestrado, as pessoas que eu conheci aqui, essa nova oportunidade de ver a minha profissão no instituto de outra forma. E, como eu falo: “eu quero contribuir com o meu campus, eu não quero guardar só para mim o que eu aprendi, eu quero contribuir, quero dar o retorno para eles”. Então não houve perdas, para mim eu só vejo ganhos.

Inajá reconhece o contributo que a formação contínua trouxe ao seu fazer docente, revelando como resultado um crescimento acelerado (DAY, 2001), tanto crescimento aditivo que engloba a aquisição de conhecimentos, destrezas e compreensão mais profunda de determinados aspectos, quanto crescimento transformativo que resulta em mudanças significativas nas crenças, valores, conhecimentos e modos de

compreensão do professor. Realçando, ainda, que no cotidiano do trabalho, recriamos nossa própria história como docentes, cuja imersão na profissão desenvolve um senso de compromisso, zelo e vigilância (LIMA, 2005).

Sobre os sentidos que Inajá atribui ao trabalho docente, como se enxerga em seu campus, no ambiente de trabalho, como professora, mencionou:

Eu sempre me senti professora, se eu não tivesse me sentido professora eu não teria permanecido. Desde o primeiro contato com os alunos e com o universo docente, nossa, eu lembro que quando eu era professora lá em Boa Vista e quando me chamava de professora, [risos]às vezes eu ficava pensando: “será que é comigo mesmo!?”, porque quem estuda Licenciatura já vai se preparando para isso. E do nada eu ouvi pessoas me chamando de professora, eu pensava: “meu Deus, sou eu mesma essa professora?” [risos]. Ser chamada de professora foi o primeiro impacto, mas depois vai se tornando bom de ouvir. Então eu acho que desde o dia que me chamaram, pela primeira vez, de professora, eu me senti professora, pertencida a essa profissão, o que só foi crescendo com o passar do tempo.

Inajá sugere a construção de um processo identitário (NÓVOA, 2007) a partir do sentimento de pertencimento à profissão docente, acompanhada de um desenvolvimento processual de autoformação, concebida por Galvani (2002) como um componente da formação, caracterizada pelo imbricamento da reflexividade e da interação entre o indivíduo e o ambiente no qual está inserido, isto é, ser professora na Universidade Federal de Roraima permitiu a percepção de que seu eu não possuía existência própria fora de seu ambiente social, necessitando, conforme Lima (2005), da colaboração do outro para se constituir, para se definir e ser autor de si mesmo.

Em relação ao sentimento dos alunos com ela, contou que recentemente quando ficou afastada da sala de aula por causa do mestrado, teve que deixar no meio do ano uma turma do 1º Ano de Administração do Integrado e, desde então, ouve os alunos dizerem quando lhe encontram: “professora, por que a senhora nos abandonou? ”. Os alunos dizem que nenhuma outra professora conseguiu ensinar TGA como ela ensinava, porque Inajá, conforme nos relatou, traz tudo para o universo da sala de aula, a empresa se torna a sala de aula como forma de trazê-los para o universo da Administração.

E isso é muito bom de ouvir para um professor e eles sempre disseram que eu era uma boa professora, que ensino direitinho e não tem quem não aprenda. Só que eu acho que eu não era uma boa professora, hoje eu tenho consciência de que eu não era uma boa professora, eu tentava ser, por uma sorte eu era, dentro daquele universo, mas hoje eu sei que não era. Por isso que se procura o mestrado, para melhorar, eu procurei o mestrado para melhorar.

Inajá considera a experiência no mestrado impactante, tem a percepção da necessidade de se desenvolver profissionalmente, de buscar meios para aprender, de transformar-se e autoformar-se (PINEAU, 2010). Disse-nos que quando sua turma iniciou no MPET, as disciplinas foram corridas, pois deveriam ser concluídas até o fim do ano de 2015. A professora enviou para a turma, antes do início das aulas, uma coletânea de textos para leitura e discussão. Inajá nos disse que leu, fez resumo, apontamentos, como ainda estava de férias, dedicou-se e já se preparou para a disciplina.

Foi o primeiro contato, estudar sobre Tecnologia, que não temos nem ideia do que é, foi o primeiro impacto. Descobrir que a Tecnologia não é só um celular, não é só uma televisão, tudo é Tecnologia e que ninguém sabe disso. E no Instituto Federal muito menos, o que vai culminar no nosso ensino tecnológico. Todos pensam que é só usar um computador e não é. Isso me impactou logo, porque você vai vendo que não conhece e que não sabia de nada. E, vendo os conceitos da formação de professores, que vêm até um pouco antes da disciplina, para fazer o projeto no início.

Conforme Inajá os conceitos da Educação não estavam claros, pois não compreendia o que era o processo formativo docente, tentava buscar o conceito, procurava artigos, mas relatou que sentia dificuldades.

Para quem não é da área da Educação é muito difícil entender todo esse universo, muito mesmo, vocês não têm ideia, noção de como é difícil compreender isso. Então, desde a época que eu estava estudando para fazer o projeto e a prova, eu pensava: “poxa, para ser professor tem tudo isso, é assim mesmo!?”. Para mim todo dia era uma novidade, eu me via e me vejo muito nos textos da Machado quando ela fala que continuamos formando professores achando que o conhecimento específico basta. E para mim antes, isso era tudo que valia, o conhecimento bastava e ela diz que os professores vão se formando no seu dia-a-dia em sala de aula, nos erros e acertos. Isso parecia que estava sendo escrito para mim, ela (Machado) foi abrindo o meu mundo, nossa, eu pensava: “sou eu, isso é para mim!” [risos]. Porque era tudo que eu vivi e ainda vivia, porque eu escuto meus colegas de trabalho, administradores, contadores e engenheiros, todos pensam assim: “que basta saber o conteúdo para ser professor e a forma com que eu vou explicar ou que esse aluno

vai conseguir absorver, isso é com ele, eu não tenho nada a ver”. A maioria dos institutos federais tem essa característica. E tudo isso mexia comigo, deve ter algo a mais e na disciplina da professora Rosa, nós fomos descobrindo que sempre tem algo a mais e mais e mais [risos]. E eu ficava pensando: “meu Deus, como é que eu vivi esse tempo todo sem saber disso? [Risos].

Disse-nos que pensava todos os dias durante a disciplina que havia dado aulas por um longo tempo sem saber de nada a respeito da Educação. Por isso, afirmou estar ansiosa para retornar à sala de aula, mostrou muita vontade que todos saibam do que ela aprendeu no mestrado, mas tem consciência de que é muito complicado, porque depende dos colegas, professores, quererem também. Considerou que tem barreiras, mas que sua vontade é dizer a todos o que aprendeu. Já fala aos seus amigos mais próximos que são da área técnica também, encoraja-os a fazer uma pós-graduação na área da Educação, por considerar de extrema importância para quem é docente no Instituto Federal. Mas além do primeiro impacto das disciplinas, considerou como desafio:

Apresentar-se ao público...eu lembro que o primeiro colóquio, na disciplina da professora Rosa...gente...eu pensei: “por que a professora Rosa convidou Deus e o mundo? [Risos] os alunos da outra turma estavam, meu Deus, eles já sabiam o que eu ia falar. Eu estava insegura, não sabia direito e tive que falar sobre Tecnologia. Eu pensava: “será que eu sei? ”[risos]. Parecia que nós não sabíamos de nada, mas a professora Rosa é tão confiante que ela passa essa confiança de que nós sabemos sim. E nós acabamos, não sei como, saindo bem. Então esse foi um grande impacto também, porque dar aula para os alunos é diferente, eles vão aprender conosco, não que tudo que eu disser vai estar certo, pode haver questionamento, mas é muito diferente do que você falar para o professor Amarildo na plateia, ele estava lá e eu falando sobre Tecnologia, para a professora Andreia...meu Deus do céu [risos]. Esse era o meu medo e de toda turma, mas tudo bem. Aí, veio a apresentação da professora Andreia, que foi a Mostra de TICS e eu que fui apresentar, dez minutos para falar toda a nossa experiência que está em um capítulo do livro de 25 páginas, ela nos fez explicar em dez minutos. E ela disse que se passasse ela cortaria o microfone [risos]. Treinei minha fala, no dia, o auditório estava lotado, o que já deu um desespero. Então, todas essas barreiras foram uma preparação para a defesa e eu fiquei com muito medo nesse dia, mas depois eu estava lá, consegui levar bem. Tanto que falaram que nem parecia que eu estava nervosa, mas só eu sei. E esse impacto foi grande, porque tinha muita gente lá e o tempo era muito curto. Depois veio o Seminário de Projetos, que foi muito tranquilo, tinha pouca gente [risos], meu negócio é quando tem muita gente. E eu estava bem segura quanto à proposta que eu apresentei no dia.

Inajá nos traçou uma trajetória de barreiras, cuja principal foi a exposição ao público, pois apesar ser professora, ficou bastante apreensiva quando submetida a tais situações no mestrado, considera ser diferente da sala de aula, visto que no auditório haviam muitas pessoas. Conforme disse, pessoas que sabem muito, gente de peso, como enfatizou, o que lhe causou uma sensação de angústia, embora enxergue no exemplo de confiança depositada pela professora da disciplina um elo (JOSSO, 2006) em seu processo formativo. Disse-nos:

Fico feliz, até porque cada professor tem uma história, no final né, para dizer como chegou aqui. Eu me fascino por isso também, tudo que tem relação com a História me fascina. É tudo tão particular e eu fico pensando que nós convivemos com uma pessoa e, às vezes, nem sabemos como ela chegou ali, o que ela passou. No meu texto, na dissertação eu falo brevemente sobre minha trajetória, mas eu não quis me estender, eu não me vejo falando muito assim, contando toda essa minha história de vida, detalhando. Eu falei que não queria assim, porque acho que não combina muito comigo, mas tudo que eu relatei agora está lá, só que de maneira mais sucinta, até o momento do mestrado, porque o método Aprender Investigando pede isso, uma reflexão acerca da trajetória e todos os trabalhos da nossa linha (Linha 1- Processos Formativos de Professores no Ensino Tecnológico) tem que constar isso, até para o avaliador e o leitor enxergarem de onde nós viemos. Eu acho muito bom, apesar de não ter detalhado tanto.

A história de vida de Inajá compreende um processo formativo que inicia no bacharelado, mas encontra na docência o desenvolvimento profissional (DAY, 2001) e o sentimento de pertencimento à profissão. Evidenciando que o ser em formação só se torna sujeito no momento em que sua intencionalidade é explicitada no ato de aprender e em que é capaz de intervir no seu processo de aprendizagem e de formação para favorecê-lo e reorientá-lo (JOSSO, 2010, p.78).

Capítulo 5 - Comunicar-se por meio do ensinar para a cidadania

Encanta a história dessa palmeira, conhecida como a árvore da vida, pois dela tudo se aproveita e assim se apresentou com extraordinária persistência e perseverança o caminhar de nosso Miriti que considera sua trajetória na docência longa, pois teve início em sua vida estudantil, durante a infância. Mora no Amazonas há 34 anos, nasceu no município de Unaí, situado em Minas Gerais. Nasceu e estudou em uma área rural próxima à Unaí até a quarta série primária. A partir de então, foi para a cidade, precisou repetir a quarta série, lembrou-nos que na quinta série ainda havia um exame de admissão, fez esse exame para continuar estudando, passou a frequentar a escola na sede do município de Unaí e concluiu, assim, o primeiro grau, que compreendia até a oitava série, atualmente, trata-se do Ensino Fundamental do sexto ao nono ano.

Contou-nos que teve certa dificuldade, pois os pais se separaram, na época tinha 14 anos, portanto quando chegou a Unaí, hoje uma cidade que tem cerca de 80 mil habitantes e fica próxima à Brasília, foi morar com irmãos e primos, todos morando em uma casa coordenada pelo irmão mais velho e um primo também maior de idade. Em Unaí, estudou até a oitava série. Aos 16 anos, após um período sem estudar, mudou-se para Goiânia devido à oferta de emprego, conforme relatou. Em Goiânia, tinha alguns parentes e lá conseguiu concluir o Ensino Médio.

Fez um curso Técnico em Enfermagem, passou por todo o estágio, mas disse que não se identificou com a área. Teve muita dificuldade para estudar, morou em República com um irmão e assim conseguiu terminar o Técnico em Enfermagem, mas não o exerceu. Contou que a vida era muito difícil, inicialmente em Goiânia, trabalhou na construção civil, como servente, em um serviço bastante pesado. Disse que quando chegou ao terceiro ano no curso Técnico em Enfermagem, conseguiu passar em uma seleção para o curso de sargento da Polícia Militar e ficou no quartel e na escola. Foi aprovado no curso técnico, mas reprovou no quartel. E com essa reprovação, desistiu, não quis mais seguir carreira militar, pois se optasse assim, teria que ficar na posição de soldado.

Eu pensei: “não, como soldado...não vale a pena”. E também muita coisa aconteceu, inclusive morte de colegas em serviço, o que me deixou desmotivado. Resultado, concluí a Enfermagem, mas emprego na época era muito difícil. Como já tinha experiência na construção civil, continuei trabalhando, inclusive, estava morando em Goiânia, daí fui para Vitória, no Espírito Santo.

Relatou-nos que chegou em Vitória, foi trabalhar na construção civil, na condição de servente, mas rapidamente foi classificado como carpinteiro e o salário melhorou um pouco. Do período em que esteve em Goiânia, trabalhando na construção civil, estudando e no quartel, conheceu uma família de Mato Grosso, Cuiabá, família de que até hoje é amigo de William, um jovem que também estudava em Goiânia, que se tornou professor no Instituto Federal do Mato Grosso, um grande amigo que o incentivava muito e que o convidou para morar em Cuiabá.

Miriti disse que foi morar na casa da família de William, que o acolheu e incentivou a fazer um exame vestibular, em uma faculdade recém-criada, municipal. Fez o vestibular, foi aprovado junto com seus amigos. Mas descobriram que era um vestibular fantasma, não havia universidade, era uma fraude. Diante das dificuldades de emprego no Mato Grosso e sempre com a intenção de continuar e fazer aventuras, decidiu ir para Rondônia.

Em 1981 para 1982 Rondônia que era um território passou a estado. Eu falei: “vou para Rondônia! ”. Na época a rodovia 364 que liga Cuiabá a Rondônia era toda de chão (barro). Eu lembro que era mês de dezembro, muita chuva e eu falei: “eu vou embora! ”. Me falaram: “rapaz, não vai, você está louco, você vai pegar essa estrada!? É muito difícil! ”. Aí, a dona Maria, mãe do William, disse: “se você quer ir, tudo bem, mas se você quiser ficar aqui em casa, vai ficando até conseguir um emprego, conseguir começar uma faculdade”. Mas eu disse: “eu vou para Rondônia”.

Descreveu ter chegado em Rondônia e como tinha sido militar, se apresentou no quartel, onde ficou mais ou menos um mês morando e procurando emprego, mas não conseguiu emprego algum.

Eu tenho uma lembrança como se fosse hoje: “na época, a usina de Samuel estava em construção, eu fui lá, mas não consegui emprego, a situação estava muito difícil”. Eu fiquei sempre tentando, eu tinha que conseguir um emprego. Tinha uma pedreira lá em Porto Velho...procurei essa pedreira, cheguei lá, procurei emprego, mas não tinha. Então se não tinha emprego nem para quebrar pedra nessa cidade, então está difícil. Pensei: “voltar, eu não vou mais...eu

vou é para Manaus! ”.

Em 1982, veio para Manaus, mencionou que não conhecia nada na cidade, não tinha ideia de como seria. Mas sabia que havia um ônibus regular de Manaus a Porto Velho e de Porto Velho a Manaus. A essa altura, disse-nos que já não tinha, praticamente, quase nada de dinheiro. Mas ouviu falar da Legião Brasileira de Assistência (L.B.A.), pela qual conseguiu uma passagem de ônibus. Na viagem para Manaus, conheceu pessoas, conversou e ao contar sua história de vida a um rapaz, Francisco, mais ou menos da sua idade, conseguiu um lugar para ficar em Manaus.

Miriti relata que era diferente, não havia tanta violência como hoje, ainda tinha confiança entre as pessoas. Então tudo começou a melhorar, antes não conhecia ninguém, depois, já conseguiu um amigo no ônibus, que o convidou para sua casa em Manaus, no bairro de São Lázaro. Hoje essa família mora no bairro Morro da Liberdade. Ao chegar em Manaus, no primeiro domingo de fevereiro de 1982, atravessaram o rio de balsa, o encontro das águas e então, puderam chegar no fim da tarde à casa de Francisco, que apresentou Miriti a seu pai e sua mãe, que lhe permitiram a estada em Manaus.

Então, eu fiquei morando na casa dele. E como eu falei, a construção civil tem uma grande afinidade comigo, nessa época a Hidrelétrica de Balbina estava em construção. Eu lembro que tinha um escritório dela aqui em Manaus, chamado Construindo Balbina. Fui até o escritório e disse que estava procurando uma vaga para trabalhar como carpinteiro lá na hidrelétrica. Enquanto eu estava conversando, tinha um senhor ao meu lado que era técnico de uma empresa, a fábrica de cimento. Ele era um dos técnicos e disse que estava trabalhando na construção, era uma empresa paraense, a Engeplan. Ele trabalhava na Engeplan construindo a fábrica de cimento. Eu expliquei minha história e ele ouvindo, perguntou se eu queria trabalhar em Manaus, na construção da fábrica de cimento. Eu disse: “tudo bem, já não vou mais trabalhar em Balbina, vou ficar aqui mesmo em Manaus”. O nome dele é Hélio, meu amigo até hoje. Me levou para a fábrica de cimento.

Na fábrica de cimento, mencionou que morou no alojamento da empresa Engeplan que era uma construtora de Belém do Pará e abriu uma exceção para que Miriti morasse lá também, já que no alojamento só podiam morar paraenses. Ficou morando e trabalhando na fábrica de cimento entre 1982 e 1983. Mas a empresa passou a construir uma fábrica na rodovia Transamazônica, no município de Itaituba, no Pará. E como Miriti era uma pessoa muito dedicada e já tinha adquirido

confiança, lhe convidaram a trabalhar no município de Itaituba, custearam passagens de avião a ele e a vários colegas de trabalho.

E fomos trabalhar lá na Transamazônica, em Itaituba. É uma grande história...nessa época, no rio Tapajós, em Itaituba, tinham muito garimpos. Era a cidade do ouro. Estava no boom do garimpo, então, por exemplo, lá tinha uma praça chamada Praça do Garimpeiro, em que passavam por lá muitos garimpeiros com malária e todo dia estava morrendo gente, porque eles iam para o garimpo, mas quando ficavam doentes eram trazidos de helicóptero para Itaituba e ficavam lá na praça, muitos eram do Nordeste e morriam por lá. Era um cemitério enorme em Itaituba. Então...o que ocorreu...em 1983 eu me inscrevi, em Manaus, no vestibular e deixei para uma pessoa pegar o cartão, mas quando eu vim fazer o vestibular essa pessoa não tinha pegado o cartão e eu acabei perdendo o exame.

Voltou para Manaus, relatou que continuou trabalhando nessa mesma empresa, mas em outras obras. Em 1984, fez o vestibular para Geografia na Universidade Federal do Amazonas e foi aprovado. Mas por que fazer Geografia? Em resposta a esse questionamento em seu próprio discurso, contou-nos que pelo fato de tanto andar pelo Brasil, disse-nos que acabou aprendendo Geografia na prática e a partir do segundo período já começou a trabalhar como professor, foi morar na casa do estudante, na rua Barroso, centro de Manaus. Quando chegou à faculdade, não tinha recursos, mas conheceu pessoas que lhe aconselharam a pleitear uma vaga para morar na casa do estudante.

Mencionou que os critérios para a vaga eram:1) Vir de municípios do estado do Amazonas; 2) Pessoas de baixa renda de municípios do Amazonas que moravam em Manaus; e 3) Pessoas de baixa renda de outros estados do Brasil. Declarou ter entrado nesse último critério e morado na casa do estudante durante quatro anos, de 1985 a 1988, em que cursou Geografia. Logo começou a trabalhar em cursinhos pré-vestibulares, sem saber nada, foi para a sala de aula enfrentar os alunos. Na segunda metade dos anos 80, tinham muitos cursinhos em Manaus, ganhava por hora/aula. E, em setembro de 1987, conseguiu um contrato pela Secretaria de Educação do Estado do Amazonas (SEDUC), que era chamado de Regime Especial.

Consegui esse contrato com a SEDUC em 1987 e tudo começou a melhorar. Morava na casa do estudante, trabalhava em uma escola estadual e em um cursinho. Só que nesse período que eu estava fazendo faculdade. O que ocorreu? Eram muitas greves, mas mesmo assim eu consegui terminar em quatro anos. Trabalhei pela SEDUC, em um colégio no bairro do Coroadó, chamado Renato Thompson, era uma escola conceituada. Já depois de formado, passei no concurso da Secretaria Municipal de Educação (SEMED), mais adiante, fiquei na SEMED e por volta de 1993, passei no concurso e vim para o IFAM em 1994. Então é uma longa trajetória, trabalhei em várias escolas particulares em Manaus, trabalhei no Ceima, Colégio Einstein, Colégio Objetivo, tive essa grande experiência. Na época, tinha Educação Moral e Cívica, era bastante diferente. E aqui no Instituto Federal, fiz o concurso no final de 1993 e assumi em 28 de fevereiro de 1994, portanto já estou aí, prestes a completar 23 anos só aqui no Instituto Federal.

No instituto, inicialmente, Miriti foi para o Campus Manaus Distrito Industrial (CMDI), depois pediu remoção para o Campus Manaus Centro (CMC). Trabalhava na SEDUC como contratado conforme relatou, quando foi aprovado no concurso da SEMED. Certo dia, viu no jornal que estavam abertas as inscrições para professor efetivo do Instituto Federal, na época era Escola Técnica Federal do Amazonas. Tinha uma vaga apenas, algumas pessoas disseram: “ah, não vai não que isso aí não é sério, lá se você não conhecer alguém, você não vai passar”. Mas Miriti disse que resolveu tentar, fez a inscrição, não tinha especialização ainda, somente a graduação, mas tinha bastante experiência de sala de aula.

Descreveu que fez a prova, eram dez candidatos, mas conseguiu ser aprovado em primeiro lugar e na ocasião, foi chamado, juntamente com o segundo colocado, que era o professor Dalmir Pacheco. Como sua vaga era para o centro, ficaria no CMC, mas conversando com o professor Dalmir, que morava mais próximo do centro e tinha mais dificuldades de locomoção para ir até o CMDI, resolveu ceder sua vaga no CMC a ele e ir para o CMDI.

Eu lembro até hoje a prova prática, foi um sorteio, eu fiquei com o tema agropecuária brasileira, foi uma coincidência, uma sorte né, ter que falar da agricultura e pecuária brasileira, fiz cartazes, peguei dados, foi uma aula de 50 minutos, eu procurei um colega meu chamado Luiz, professor da UTAM. Nós morávamos na Colina do Aleixo, ele era meu vizinho e como era professor universitário, fui conversar com ele, falei que faria uma prova prática e gostaria de algumas orientações. Ele falou: “primeiro, ministre sua aula no tempo correto e fale de modo que todos possam lhe ouvir”. Eu me preparei, segui as orientações dele, no dia fixei os dados na lousa e comecei. A professora Stela fez parte da banca, que sentou lá atrás, a sala

estava cheia de alunos, acho que foi na sala 7 ou 8 no corredor da Sete de Setembro. Fiz tudo e quando concluí os alunos bateram palmas. Todo mundo aplaudiu, depois ficou um silêncio, eu pensei: “bom, pelo menos acho que me sai bem”.

Na prova de títulos, apresentou os documentos, tinha a experiência de graduado, não possuía especialização. Ficou ansioso pelo resultado, foi até o CMC para saber e quando chegou à portaria pela Sete de Setembro, perguntou do resultado do concurso para professor de Geografia, verificou e havia sido aprovado.

Fui chegando aqui, sempre trabalhando no Ensino Médio. Na época, no Distrito (CMDI), no curso de Eletrônica, sempre tive uma boa relação com os alunos e procurando passar para eles a importância de se dedicar aos estudos, trabalhando a motivação nos cursos técnicos e profissionalizantes, tentando mostrar a eles que além da parte profissional é importante que sejam formados para a cidadania, para vida. Então para o Ensino Técnico não perdi de vista a questão da cidadania, sempre eu percebia que não adiantava uma pessoa bem preparada na técnica, sem esse preparo para a cidadania, porém em toda essa minha trajetória de aproximadamente 23 anos eu trabalhei pela intuição, às vezes fazendo as coisas certas e às vezes percebendo que estava fazendo errado. E ao entrar no mestrado comecei a perceber que na verdade falta muito para ser um bom professor, ou pelo menos se aproximar do que é ser um bom professor.

Em seu discurso, Miriti deixou evidente tanto a obrigação moral (CONTRERAS, 2002) para com sua profissão, que pressupõe o comprometimento do professor com os alunos, o que Day (2001) expressa como ir além do cumprimento do dever, fazer com que os professores criem condições que permitam o crescimento do aluno e, sobretudo, o desenvolvimento da motivação, inserida em uma espécie de processo de aprendizagem contínuo.

Assim como Inajá, Miriti compreendeu que precisava buscar formação, com a finalidade de contribuir como profissional da educação para a emancipação de pessoas (IMBERNÓN, 2014), dos alunos, formando-os para a vida. Na tentativa de fazer algo mais por seu desenvolvimento profissional, enxergou assim a entrada no mestrado do IFAM como um divisor em sua formação e percebeu suas necessidades e dificuldades referentes à prática docente em sala de aula, constituindo assim um processo de reflexão ou Autoconsciência (NÓVOA, 2007) acerca de sua trajetória como professor.

Quando conversamos sobre sua relação com os alunos e colegas de trabalho, Miriti

nos disse que sempre teve um bom relacionamento com os colegas, nunca enfrentou dificuldades nas relações interpessoais, sempre trabalhou com jovens, que considera muito extrovertidos, mas que quando necessário são flexíveis. E nos relatou como observação marcante de sua memória na instituição:

O que até hoje lembro, com emoção, é o interesse de antes dos alunos. Agora, não sei se devido à internet, que dá ao aluno muita facilidade de informação. Porque antes tudo era mais difícil, então o que o professor falava era mais valorizado. Hoje as informações estão aí e devido a essa questão, muitas vezes o aluno não valoriza o que o professor fala. Para você ter uma ideia, na época, aqueles alunos que tinham mais dificuldades, eu marcava um horário para dar aula de reforço, por exemplo se tinham dez alunos, esses dez apareciam em outro horário para a aula de reforço. Se a aula era de manhã, eu marcava o reforço à tarde e eles compareciam. A aula era de Geografia, imagine atualmente...se eu falar em aula de reforço de Geografia, eles vão sorrir da minha cara. Porque para Matemática e Física, às vezes eles já não comparecem, imagina para Geografia. Então algo marcante que eu vejo é essa questão do interesse do aluno. Naquela época eles tinham mais interesse em valorizar as aulas do professor. E hoje, devido a essa grande facilidade das informações, talvez eles não valorizem o que o professor está querendo transmitir a eles.

Miriti entende que os contextos de aprendizagem sofreram alterações, percebe as mudanças com o passar do tempo, evidenciando que a formação permanente (IMBERNÓN, 2014) do professor deve ser entendida para além do domínio das disciplinas ministradas, o que pressupõe o estabelecimento de questionamentos constantes acerca dos valores e concepções de cada professor.

Quanto à opinião sobre o IFAM, Miriti considera que o instituto melhorou muito, apesar de alguns aspectos negativos, como essa questão da falta de interesse por parte do aluno, mas compreende que houve um crescimento nos vários níveis de ensino, nas várias modalidades, porém nos disse que os professores ainda não se encontraram com a realidade atual, pois muitos ainda trabalham na concepção daquela Escola Técnica Federal do Amazonas.

Eu já tinha essa concepção e agora ela é mais nítida, contundente. Se nós percebermos, hoje, nossa escola em si já é um laboratório, porque nós temos aqui todos os níveis de ensino. Então o Instituto Federal é único no país, tem a pós-graduação e as licenciaturas trabalhando com os alunos do Ensino Médio, tem toda essa convivência. Eu vejo que isso é um diferencial, se nós soubermos aproveitar, é muito enriquecedor.

E como desafios e necessidades na sua trajetória profissional dentro da instituição, relatou que a docência não depende apenas da vontade e do conhecimento do professor, mas de todo um corpo envolvido, setor psicológico, pedagógico. Pensa que se esse conjunto não estiver trabalhando em sintonia, dificilmente o professor vai atingir seus objetivos em sala de aula. Então, ressalta que o maior desafio enfrentado hoje, é justamente a falta de conexão entre todos os setores da instituição.

Na verdade, o que percebemos é que há um isolamento entre os setores. Então, fica difícil de trabalhar. É como se fossem ilhas. Aqui, por exemplo, tem muitas reuniões, mas reuniões isoladas, não tem algo que fale com todos das questões do ensino, da extensão. Tudo isso tem que ser trabalhado em sintonia. Isoladamente fica difícil. Mas há a dificuldade de reunir, porque quando se fala em reunião...é difícil. Às vezes tem convite, mas quando é convocação, aí é obrigado, mas mesmo assim tem gente que arruma uma justificativa, foge e não comparece.

Quanto às observações de Miriti, cabe realçarmos que as condições de trabalho dos professores não se dissociam da cultura de aprendizagem profissional, da gestão, do planejamento escolar, dos recursos, do relacionamento pedagógico, da capacidade que professor tem de refletir sobre sua prática e propor mudanças (DAY, 2001).

Ao falarmos sobre escolhas, renúncias, motivações e opções dentro de sua trajetória, Miriti nos disse que não teve renúncias, porque sempre fez o que gostava e 23 anos já é bastante tempo para essa percepção. Sempre aproveitou bem seu tempo e durante o período que está em Manaus, concluiu, também, outro curso superior, de 2000 a 2004, foram 5 anos no curso de Direito, motivado por seu envolvimento nas questões sociais, movimentos sociais, movimentos sindicais. E pensa ser uma forma de dar uma contribuição maior para a sociedade.

Considerou então um investimento próprio, uma motivação pessoal. Na época, suas aulas no IFAM eram apenas de manhã e Miriti cursava Direito pela tarde, participou da primeira turma de Direito de uma universidade privada de Manaus. Disse ter feito um bom curso, apesar de muito difícil, porque se dividia entre trabalho e estudo. Obteve êxito na prova da OAB, o que considera uma vitória que agregou valor para si e para sua Licenciatura em Geografia.

Sua entrada no mestrado aconteceu quando percebeu que era importante fazer uma pós-graduação, foi a primeira seleção que tentou, apesar de já ter feito alguns projetos antes, mas sem dar continuidade ao processo de inscrição. Quando surgiu o mestrado no IFAM, em 2014, fez a inscrição, realizou as etapas do processo, mas não foi aprovado. No entanto, quando tentou pela segunda vez, em 2015/2, foi aprovado.

Antes do processo seletivo, já havia cursado uma disciplina como aluno especial, na disciplina Uso de Recursos Naturais Amazônicos no Ensino, com o professor Jean Dalmo, seu orientador, professora Lucilene e professor Edson Valente. Considerou que a disciplina seria muito próxima da Geografia, por isso resolveu cursá-la. Disseram que foram muitas as atividades, aulas práticas, aulas de campo e na avaliação cada professor fazia as suas questões, para Miriti foi muito difícil, era tudo muito intenso e haviam, também, atividades em equipe, mas conseguiu a aprovação.

Começou a cursar as outras disciplinas com a turma regular, uma após outra com um intervalo de uma semana entre elas, período que tinha muito o que fazer, muito o que ler e escrever. Não teve um intervalo de fato para descansar e, com grande dificuldade, relata que conseguiu concluir as disciplinas. Suas impressões do mestrado, ao fazer um balanço das atividades experienciadas:

Muita coisa muda, para melhor, nossa própria atitude como professor. Nós percebemos que com essas aulas que tivemos, com tudo que nós escrevemos e continuamos a escrever, é possível ver um grande avanço. Hoje eu tenho mais facilidade para escrever, eu tinha muita ideia, mas para colocar no papel era difícil. E as dificuldades que nós encontramos é justamente a questão do próprio tempo, todo mundo tem uma velocidade, por exemplo, eu tenho 59 anos. Com a idade muita coisa pesa nos nossos ombros. Um jovem, por exemplo, pode estudar a noite toda e nem sente sono, eu não...começo a estudar à noite e já chega o sono e eu tenho que dormir. A dificuldade também veio com a informática, com o computador. Eventualmente, você pode pedir ajuda de um colega ou outro, mas o básico é com você mesmo. No computador, aquilo que outros fazem em meia hora eu vou gastar três ou quatro horas para redigir [risos], tenho dificuldades para construir um gráfico. É difícil não ter esse domínio da Informática para conseguir avançar.

Miriti realçou suas experiências, o que lhe aconteceu (BONDÍA, 2002) no processo vivido, evidenciando que no saber experiencial não se trata da verdade do que são as coisas, mas do sentido ou do sem sentido do que nos acontece, o que torna tal saber particular, singular, subjetivo, contingente e pessoal. E quando

conversávamos sobre a relação familiar e profissional, Miriti nos disse que não percebe muita influência por não viver com a família.

Eu sou solteiro, tenho duas filhas, mas são filhas sócio afetivas. Tive um relacionamento com a mãe delas, por volta de 2005. Nessa época, uma das minhas filhas tinha seis anos, acabei morando com a mãe dela, acho que menos de um ano, mas acabou, não deu certo. Mas criei afetividade por aquela criança e hoje ela tem 18 anos, levei-a ao cartório e registrei como filha. A mãe dela tem outra filha de sete anos e pelo fato de eu ter tido a convivência com a mais velha, também tenho muito carinho pela mais nova. Resultado, são as duas filhas que eu tenho. Inclusive, me deram apoio nesse período que eu fiquei doente, 44 dias de licença médica, tive que fazer uma cirurgia. E o mal não foi pior porque eu já tinha feito a Qualificação, então, eu estava bastante adiantado, a previsão era que eu defenderia agora em dezembro, mas devido à doença, a nova data de defesa ficou para março do ano que vem. Resumindo, tenho essas duas filhas, que moram com a mãe. Quando moramos no mesmo teto às vezes fica difícil para estudar, mas como moramos separados, até que não tem muita interferência não.

Quanto ao sentido que Miriti atribui ao trabalho, como se enxerga na docência, em sua prática no instituto, relatou-nos que com o mestrado percebe que tem mais facilidade de fazer um trabalho adequado, mais eficiente. Desempenha um estudo na disciplina de Geografia por meio de uma prática didática para contribuir no processo de ensino e aprendizado a partir do ensino do solo. Ministra aulas expositivas dialogadas sobre o que é solo, formação do solo, processo erosivo, experimentos em laboratório e aulas práticas de campo envolvendo a temática.

Considera algo bastante volumoso e contou que sabia da importância de aulas de campo, mas não tinha a convicção de como fazer, o que já compreende atualmente. Pensa que o Ensino Tecnológico pode ser melhor a partir do momento em que o professor consegue fazer algo mais adequado. Por exemplo, diz que o laboratório pode ser usado de forma correta ou não. A forma inadequada que percebe é que, às vezes, o professor é considerado bom, mas é repetitivo, faz tudo do mesmo jeito há anos, ou seja, é apenas um mero transmissor de informação e não valoriza o aluno.

O professor tem que proporcionar uma liberdade em sala para que o aluno possa se descobrir no laboratório. Eu vejo que o Ensino Tecnológico tem esse aspecto importante, do professor que deve valorizar o que cada aluno tem e a partir daí, vai surgir uma boa ideia, uma iniciativa de construir. O professor tem que valorizar aquilo que o aluno já sabe, o que pode sair do aluno.

Como professor inserido no Ensino Tecnológico, Miriti entende que o docente deve desenvolver tanto compromisso para com o aluno, obrigação moral conforme Contreras (2002), quanto criar condições que permitirão ao aluno o desenvolvimento da motivação, crescimento da autoestima e o desafio de um empenho contínuo (DAY, 2001). Sobre sua experiência e motivações para o futuro, acrescentou que pela contagem de tempo, tem seis anos de trabalho na SEDUC mais 22 anos no Instituto Federal. E com o mestrado sua perspectiva de futuro é continuar escrevendo.

Nós sabemos que tem muitos livros produzidos, mas quando você procura um trabalho de campo, por exemplo na Geografia, as referências são poucas. O que eu pretendo fazer é começar a produzir algo para outros professores, que possa contribuir com o trabalho em sala de aula. Penso também em escrever algo ligando a Geografia ao Direito. Minha ideia é escrever uma obra para professores conjugando Geografia e Cidadania. É importante para o professor, por exemplo, conhecer as leis de crimes ambientais, mostrar para os alunos que o Meio Ambiente, segundo a Constituição, é responsabilidade de todos. E é importante colocar tudo isso junto à Geografia para o professor trabalhar em sala de aula. Por exemplo, a questão indígena, trabalhar em sala tanto a Constituição como a Lei Orgânica do Município, trazer também os Estatutos. Enfim é muito assunto que é possível trabalhar em sala envolvendo cidadania.

Miriti reconhece que, principalmente, para os professores do Estado e Município, como já trabalhou em ambas esferas, há muitos professores que trabalham pela manhã, tarde e noite e não têm tempo de preparar material de aula. Pensa que seria ótimo fazer um material com sugestões para o professor, cartilhas com roteiros de aula de campo especificamente, como forma de retorno à sociedade do que tem aprendido no mestrado.

Tal posicionamento nos remete à dimensão da profissionalidade docente (DAY, 2001) nomeada compromisso com a comunidade, que compreende a resolução de problemas e a consciência de estar inserido em um âmbito com um claro componente político, entendendo a educação para além da sala de aula, dotada de dimensão social e política. Assim a profissionalidade, segundo Day (2001), pode significar uma análise e uma forma de intervir nos problemas sociopolíticos que competem ao trabalho de ensinar.

Capítulo 6 - Comunicando-se com versatilidade

Arumã, uma palmeira que nos traz a delicadeza, a versatilidade e a força no traçado das fibras tecidas nos utensílios do cotidiano de suas muitas histórias de vida e profissão, assim se constitui Arumã, nascida em Minas Gerais, morou no Espírito Santo e mais tarde se mudou para o Amazonas. Estudou o Ensino Fundamental, Médio e cursou Graduação em Design impulsionada, curiosamente, por seu pai. Especializou-se, trabalhou antes de ser professora no Instituto Federal, na esfera municipal e estadual, pôde ter sua própria empresa e considera que todas as experiências que vivenciou antes de ingressar no IFAM, bem como o encontro com o Mestrado, são de extrema relevância ao seu fazer docente. Disse-nos ter voltado no tempo por um momento quando conversávamos sobre os caminhos que a levaram a ser professora:

Eu acho que eu não escolhi a docência, mas a docência que me escolheu. A minha história em sala de aula começou quando eu era menina. Eu tinha aquela coisa de brincar de escolinha, mas com treze anos eu comecei a dar aula particular, o que chamam de ser explicadora, dava aula para os meus vizinhos. Como uma aula de reforço. Eu tinha um vizinho, que na época, queria fazer a antiga Escola Técnica e eu dei aula para ele por um ano para fazer a prova. Mas eu não tinha nem noção de onde é que eu iria terminar ou, sei lá, estar hoje.

Fez bacharelado, tem formação em Design, que não considera ter relação direta com a docência. Mas na graduação, quando estava terminando, foi dar aula por intermédio de uma amiga que a impulsionou a trabalhar como professora. Visto que precisava trabalhar e como considerava que o emprego que se encaixava em seu perfil, começou a dar aulas em uma escola estadual para alunos de Ensino Médio. Concomitantemente, concluiu o curso universitário e foi trabalhar na prefeitura na área de Design.

Trabalhou em agência de design, mas após três anos de formada, seu contrato com a Prefeitura acabou, ficou desempregada e começou a enviar currículos para as escolas na tentativa de conseguir uma vaga. Morava em Vitória, Espírito Santo na época. Enviou seu currículo para várias escolas de curso técnico, porque como era apenas bacharel, sabia que não poderia dar aulas em universidades. Então foi

chamada para uma entrevista e começou a dar aula, ficou dois anos nessa escola como professora, com a disciplina de Desenho Técnico. Em seguida, fez a prova de concurso para o IFAM, obteve êxito e foi trabalhar no campus de Presidente Figueiredo.

Apesar de eu já vir de uma escola de Educação Profissional, que era a escola onde eu trabalhava em Vitória, era só de cursos técnicos, mas é uma dinâmica completamente diferente no instituto. Por exemplo, lá eu dava aula para o subsequente que é o pós-médio, que preparava alunos para concursos. E quando eu cheguei no IFAM, fui dar aula para o Integrado, nível Médio. Então eu acho que o choque foi esse, porque eu vim de um ritmo e, aí, entrei em outro ritmo. E isso de você não saber muito..., mas plano de ensino e diário eu já sabia, porque já vinha dessa outra escola, mas você não é preparado quando entra no instituto.

Assim como Inajá, Arumã nos relatou a não preparação para iniciar a docência no instituto na modalidade EPT, percebe que houve um impacto na chegada ao IFAM. Falamos também de seus desafios e necessidades de trabalhar no campus de Presidente Figueiredo.

O maior desafio para mim foi entender a realidade de Manaus e do Amazonas, porque eu vim do Espírito Santo. E aqui é uma outra cultura, outro ritmo. Então, meu primeiro desafio foi me encontrar em Presidente Figueiredo. Eu estava lidando com alunos de outra faixa etária, com outra realidade, muitas vezes são alunos da zona rural, dos ramais. Então, eu precisei de um tempo para processar tudo isso, porque no primeiro momento eu não entendia o que estava acontecendo. Quando eu cheguei, entrei em sala de aula e comecei o cotidiano com os alunos...pensei: “espera, aqui é diferente, é outro ritmo, são outros alunos, é outra realidade”. Comecei a perceber a docência de outra maneira também, porque em uma escola particular em você prepara alunos para concurso, para o mercado de trabalho, você tem que treinar o aluno, você está ali para treinar o aluno, você tem que passar o conteúdo e estar apto a desenvolver aquela atividade ali, mas não é como no instituto, que você faz uma reflexão, pensa, discute com o aluno.

Arumã nos revelou que já pensava sobre ir além de educar apenas para o trabalho em uma instituição de EPT, já fazia essa reflexão, mas nos contou que é óbvio que com o mestrado sua concepção mudou ainda mais. Cabe analisarmos que Bacaba pensa de outra forma, entende que deve preparar o aluno para ser profissional, para o mercado de trabalho, o que se diferencia da concepção de Inajá e Arumã que embora também possuem formação de bacharéis, mas pensam que o aluno, prioritariamente, deve ser formado para a vida.

Considera o mestrado como um caminho que já vinha acontecendo, desde quando se inquietava com a realidade do campus em Presidente Figueiredo, com os cursos oferecidos lá, que não tinham relação com a localidade. Arumã mostra a mesma inquietação de Bacaba, de como o mercado vai comportar os alunos que são formados no instituto. Por exemplo, havia um curso de Mecânica, mas não tinha onde o aluno estagiar. Isso era algo que a incomodava. Então a ida para o mestrado é parte desse caminho que ela estava seguindo e talvez se tivesse ido antes, não teria alcançado o nível de pensamento, de reflexão que considera ter hoje.

Eu tive que viver algumas experiências anteriores para poder hoje, talvez, refletir no nível que eu estou refletindo. E depois, eu vim para o campus CMDI, que é outra realidade. Os alunos aqui têm outra realidade, tive que perceber os alunos no CMDI e também trabalhar com graduação, eu tive que sair do nível Médio Técnico e ir também para a graduação. Em um mesmo semestre dei aula no EJA, Médio Integrado e Subsequente, e graduação. Foi outro desafio...é muito difícil, porque você não é uma tomada, um interruptor que você desliga. É muito complicado, eu acho que em alguns momentos nós não conseguimos passar de um nível para o outro, por exemplo, às vezes, você entra na graduação pensando que está falando com o EJA, até porque coincide de ter aula no mesmo dia. Então, você não tem nem tempo de aliviar seu pensamento, chegar em casa refletir sobre aquela aula, pegar o material da próxima e pensar sobre elas. Você sai de uma aula, depois de algumas horas você já está em outro nível. Isso também é um grande desafio. Eu não sei qual é a fórmula, mas acho que está muito no campo da reflexão. Hoje eu penso muito que você tem que compreender a dinâmica da turma. Por exemplo, minha experiência com o EJA foi muito bacana, eu entrei em uma turma com sete alunos, primeiro que eles não se falavam, estavam em dois grupos.

Eram sete alunos que não se falavam na sala, estavam divididos e muito desmotivados. Arumã teve, então, que motivar os alunos a se envolverem com a disciplina e se envolverem uns com os outros, porque não era possível trabalhar em grupo com uma turma dividida. Disse ter sido um grande desafio trabalhar com eles. O que realça o compromisso do professor (CONTRERAS, 2002) situado acima de qualquer obrigação contratual com a instituição da qual faz parte, evidenciando aspectos que concorrem para seu desenvolvimento profissional, por exemplo: vontade de ir além do cumprimento do dever, relacionamento com os colegas e satisfação com os sucessos específicos dos alunos (DAY, 2001).

Eu tentei me aproximar dos alunos, acho que talvez mostrar o meu lado mais humano, mais solidário, do que talvez o meu lado acadêmico. Foi assim... e foi muito legal, porque eles cresceram muito, no final do semestre, eu vi o resultado da disciplina, o trabalho ficou muito bom. Hoje eu encontro com eles, que estão formando agora e vejo que aquela indiferença acabou. É óbvio que não foi só o meu trabalho, mas sim o trabalho de um grupo de professores que se preocupou com a turma, porque havia outros colegas que tinham a mesma percepção e nós conversávamos a respeito da turma nos corredores, nos intervalos. Mas eu acho que esse é talvez o grande desafio de se trabalhar no instituto, trabalhar com vários níveis. E você não é preparado para isso, acho que outra coisa que nós temos sentido ali na graduação, é que nós temos cinco cursos e diferente de uma universidade, em que você é professor do curso, de Engenharia, por exemplo, ali não...você é professor da graduação. Então, os professores não se identificam com curso nenhum. Quando você fala assim: “vamos reunir os professores da Engenharia”, termina que você não sabe se é ou não professor, às vezes você deu aula no primeiro período e depois não viu mais a turma e não é da área técnica, então, esse é outro nó que temos lá.

Quando conversamos sobre como Arumã se enxerga nessa instituição, sendo professora de tantos níveis e como é sua relação, tanto com seus colegas quanto com seus alunos, ela nos reportou a uma situação daquele dia mesmo:

Hoje, nós estávamos no conselho de classe e eu fiquei olhando e pensando nisso...nós estávamos falando de alguns alunos que têm dificuldade e que não conseguem aprender, talvez por algum problema cognitivo. Então, alguns colegas disseram: “vamos acompanhar de perto esses alunos, vamos ajudar”, enquanto outros disseram: “não, mas eu não levo jeito para isso”. Aí, eu fiquei pensando nisso, que formação nós temos? Como é que esse professor se vê? O que ele pensa sobre ser professor? O que ele acha que é ser professor, qual a concepção dele? Porque pelo menos eu penso que ser professor é muito mais do que passar matéria no quadro, chegar na sala e passar conteúdo. Ser professor é muito mais abrangente, eu me vejo assim. Eu acho que nós temos um papel que ultrapassa, mesmo sendo professor da Educação profissional, nós temos um papel social. Porque querendo ou não, os alunos mesmo de graduação vão se mirar em alguém, vão se espelhar em alguém e o professor é o alguém de destaque.

Arumã lembra que normalmente no IFAM se tem um professor para em média 40 alunos, às vezes o professor não lembra do aluno, mas o aluno não vai esquecer aquele professor. E diz que pensa muito nisso, no que faz dentro e fora de sala no instituto que possa trazer um impacto para seus alunos e que tipo de impacto seria esse, se positivo ou negativo. O que ultrapassa a sala de aula. Completa que o

conteúdo talvez seja a menor parte no ser professor, porque conteúdo, informação, o aluno pode consultar em sites da internet, livros ou revistas. Mas realça a importância de ser um exemplo para seu aluno, de se constituir em um elo (JOSSO, 2006) na vida do alunado.

Miriti evidenciou em seu discurso, assim como Arumã, que a internet talvez tenha tomado a frente em passar informações aos alunos e ao professor deve caber a função de educar, de agir como mediador no processo de aprendizado. Trata-se, então, do professor utilizar o saber-fazer e os conhecimentos experienciais nas aprendizagens (JOSSO, 2002). Ao falar que acha que mesmo sendo professora da Educação Profissional, tem um papel social, traz à tona a forma como enxerga a preparação para o trabalho,

Quando eu cheguei no instituto eu pensava no mercado de trabalho e a vivência, o cotidiano no instituto me fez enxergar o mundo do trabalho e a ida para o mestrado reafirmou, confirmou esse meu pensamento e ampliou tudo. Eu falo isso para os alunos...o fazer, o desenvolver uma atividade, daqui a pouco as máquinas vão fazer, mas o pensar, o refletir, a tomada de decisão, as implicações que isso tem, só um ser humano vai poder fazer. E eu quero sempre colocar essa pulguinha atrás da orelha deles, vocês estão aqui para aprender a fazer o que? Só repetir uma ação ou para pensar essa ação, refletir sobre os impactos dessa ação? Eu penso muito nisso.

Arumã realçou a motivação que ultrapassa o dever de ensinar conteúdos (DAY, 2001) como professora e suscitou, em seu discurso, a função social que seu trabalho docente reflete no cotidiano de alunos inseridos no instituto. Revelando, assim, o contexto da Educação Profissional e Tecnológica que ressalta a demanda do mundo do trabalho por indivíduos verdadeiramente autônomos, capazes de atuar e promover transformação social, guiados por professores aptos a promover esse processo (MOURA, 2008). Ao conversar sobre os investimentos, não apenas financeiros, mas pessoais, além de escolhas, renúncias, motivações que teve ao longo de sua trajetória, disse-nos:

O que meu pai me ensinou foi a trabalhar [voz um pouco trêmula, respirou profundamente e continuou], algo que eu via nele e que eu vejo em mim é que ele tinha a questão de ser produtivo e de ser proativo, era algo que lhe motivava e é algo que me motiva também. E, então...às vezes...hoje mesmo eu estava muito cansada, muito cansada, eu cheguei do médico e pensei: “eu não vou no conselho de classe, eu vou faltar hoje”. Aí...eu deitei na cama e falei: “não, espera aí...eu não posso, porque...eu comecei a pensar nos alunos,

sobre os quais eu precisava falar, conversar com os outros colegas, então, vou levantar e vou”. Então, ao longo da vida, existem momentos que você precisa fazer renúncias, acho que muito mais do que comprar livros e fazer cursos, estudar...eu acho que são essas pequenas coisas que representam os grandes investimentos que você faz, quando você se preocupa...então, se eu vejo que o aluno está faltando muito, se vejo que o aluno não está fazendo as atividades, eu vou ao setor pedagógico, pergunto à pedagoga se ela tem algo a dizer sobre o aluno. Então, esse talvez seja, no trabalho, um investimento que você tenha que fazer, é estar preocupado com o outro.

A motivação inicial de seu desenvolvimento profissional deriva do elo (JOSSO, 2006) representado por seu pai, que gerou influência direta em sua constituição identitária. Além da motivação para o trabalho revelada por meio do compromisso e responsabilidade com a profissão (DAY, 2001), o que implica nas pequenas motivações que se tem, na responsabilidade que toma para si (IMBERNÓN, 2014), nas experiências que enfrenta na docência e na construção de sentido por meio do que passa a experienciar, do que lhe acontece (BONDÍA, 2002).

Quanto à questão familiar, passou por situações quando estava em Presidente Figueiredo, por exemplo, que considera ter sido de muita renúncia. Assumiu uma função que exigia mais dedicação, tinha que ficar durante três turnos no campus e abrir mão de estar em casa com seu filho ainda bebê, tinha um ano na época. Considera ter sido um grande investimento que fez, renunciar ao convívio com o filho, se sentindo por vezes culpada por não estar presente em casa, mas ao mesmo tempo, sabendo que tinha um compromisso profissional que precisava ser cumprido.

Não pôde deixar o trabalho, pois tinham ações e decisões, das quais era necessário participar e não poderia dizer que não iria ao campus. Disse-nos que ficava se dividindo entre casa e trabalho. Contou-nos que sempre buscou atualizar seus conhecimentos, lendo, comprando livros, fazendo cursos, mas pensa que esses outros sejam talvez os maiores investimentos que fez, de abrir mão de estar com seu filho ou de estar preocupada com os alunos. Relatou-nos que, agora, em tempos de aplicativos de mensagens por celulares, é uma professora que os alunos têm seu contato, às vezes, no final de semana lhe enviam mensagens, mas esclareceu que há um limite combinado em sala de aula previamente. Tenta atender e estar junto aos alunos.

No final do semestre eu sempre falo para eles: “obrigada por tudo que vocês me ensinaram”. E tem alunos que se assustam quando eu falo isso, porque acho que ainda existe aquela cultura de que o aluno não vai ensinar nada para o professor, mas eu acho que é uma grande mentira e que nós aprendemos muito mais que os alunos. No final do semestre, o seu crescimento, o tanto de coisas que você aprendeu como professora foi muito maior.

Ao falar de suas influências, não só de alunos que lhe ensinam ao fim de um semestre, revelou-nos que a pessoa que mais lhe influenciou foi seu pai, porque ele não queria que Arumã estudasse. Então, quando ela terminou a antiga oitava série, hoje nono ano, ele lhe disse: “Para que você vai fazer o segundo grau? Você tem que trabalhar!” Seu pai queria que trabalhasse e o fato de ele não querer que ela estudasse, era um estímulo para que ela insistisse em estudar. Quanto mais ele se opunha, mais ela queria estudar.

Eu pensava: “Não...eu preciso estudar! ”. Então, eu acho que talvez ele seja a figura mais forte com relação a isso. E eu fiz o segundo grau...quando eu estava no terceiro ano, ele me chamou para trabalhar, ele abriu uma loja, me deu uma sociedade, tudo para que eu largasse o estudo. E eu fico pensando: “gente...o papai não existia” [risos]. Fez isso para que eu deixasse de estudar, ele falava: “Para que você vai estudar? Você já tem sua loja”. E a mãe falou: “não...você precisa estudar! ”. E ficou naquela né...e eu falei: “não...vou terminar né”. E um dia ela me chamou e falou: “olha, você já está terminando, já está no terceiro ano, você sempre teve notas boas, pelo menos termina o segundo grau, depois que você terminar o segundo grau, se você não quiser ir adiante, eu não vou falar mais nada”. Daí eu terminei, quis fazer a faculdade no outro ano e foi aquela briga, porque ele não queria. Eu fazia cursinho, mas não conseguia fazer as aulas direito, então eu não passei no vestibular esse ano. Resolvi ser seminarista, porque já que ele não me deixava fazer faculdade, eu ia fazer Seminário...e Seminário ele não iria poder me impedir de fazer, esse era o meu pensamento [risos]. Fiz seis meses de Seminário, porque eu queria ser bacharel em Teologia, mas eu não queria não...na verdade eu queria era provocá-lo [risos].

Contou-nos que saiu do Seminário e ficou seis anos sem estudar, quando um dia, uma amiga ao conversar com Arumã, falou: “ por que você não volta a estudar? ”. Então, resolveu fazer a inscrição para o vestibular, disse que fez por fazer e passou. Mas confirma que seu pai foi a figura que lhe impulsionou, foi o elo (JOSSO, 2006) mais alicerçador de seu desenvolvimento profissional (DAY, 2001).

E quando eu estava na faculdade, quando terminei e fui defender a monografia, ele quis assistir. E ali, ele entendeu o sentido de estudar, o que isso significava para mim, a importância. Ele foi na defesa, me apoiou, achou o máximo, ficou super feliz e foi muito bom. Dois anos depois, ele morreu e nesses dois anos entre eu ter me formado e ele ter morrido...esses dois anos...foram os dois anos que nós conversamos e estudamos muito em casa. Ele já estava doente, então, ele não tinha como frequentar a escola, mas nós estudávamos em casa, eu e ele. Foi muito legal, porque ao invés de ele me despertar para o estudo, eu que o despertei. E eu acho que foi ele a figura.

Após a faculdade, com intuito de dar continuidade ao seu processo de construção profissional, fez duas especializações, uma em Administração e Marketing e depois, quando já estava em Manaus, uma em Educação à Distância, oferecida pela UFSC que considera ter sido muito boa, pelo intercâmbio com pessoas de todo Brasil, com as quais participou de três encontros presenciais em que pôde trocar experiências, o que lhe impulsionou para pensar em cursar um mestrado.

Realizou a prova de mestrado duas vezes. Na primeira vez, fez o processo até a entrevista, passou por todas as etapas iniciais, mas quando foi classificada para a entrevista, não obteve êxito. Depois conversou com colegas, que são professores e já têm doutorado, para tentar entender como funcionava o mecanismo do mestrado e, conversando com eles, conseguiu amadurecer suas concepções, o que lhe conduziu a uma segunda tentativa, na qual participou de todas as etapas e foi aprovada.

Passei e não sabia de nada né [risos]. Na chegada, a primeira disciplina foi decisiva, porque te dá um repensar realmente. Primeiro se é aquilo mesmo que você quer e, segundo, te faz ver o mundo a sua volta de outra maneira. Eu acho que foi muito bacana sim. E tem essa questão toda de que é muito desgastante, muito cansativo, ainda mais eu que tenho criança pequena. Você tem que readaptar sua vida toda, a rotina toda mudou dentro de casa, do trabalho mudou. Continuei trabalhando, mas eu pedi redução de carga horária, fiquei com dez horas, que ainda é uma quantidade relevante, não é muito, mas também não é tão pouquinho. Continuei em sala de aula e o processo de estar em sala de aula e estar no mestrado é muito rico, apesar de ser cansativo, é muito bom, porque todo dia você reflete e você ressignifica a sua docência. Todo dia você vai ao mestrado, assiste a aula, faz uma leitura, escreve e quando você entra em sala de aula de noite você já está pensando diferente, você já está vendo diferente, você já está diferente, não tem como você não estar diferente. Eu acho que tem sido uma experiência única.

Percebemos em seu discurso o professor em formação, influenciado pelas ideias do mestrado e pela reflexão das ações e adesões (NÓVOA, 2007) percebidas frente a sua prática em sala, sendo a ele permitido transformar-se, ressignificar-se, tornar-se, ver-se, referenciar-se, refletir-se, emancipar-se, diferenciar-se, autonomizar-se e autoformar-se (PINEAU, 2010), constituindo sua identidade no cotidiano da formação e da docência. Após disciplinas, painel, mostra e seminário de projetos no MPET, já é possível refletir o processo à medida que Arumã percebe sua necessidade em repensar a docência:

Eu acho que você pensar o viés social da docência! Porque aquela observação que eu fiz de apesar de ser professora da Educação Profissional é justamente, porque a maioria dos professores que estão no instituto ou pelo menos os que eu vejo que são da Educação Profissional não pensam o viés social da educação, não pensam o mundo do trabalho, porque não foram preparados para isso. Como nós não temos uma preparação, você já sai do mercado de trabalho para o instituto, você traz o mercado de trabalho para o instituto. Então o Engenheiro saiu da indústria e vem para o instituto, o que ele vai trazer para cá? Ele vai trazer a indústria, então, ele vai talvez repetir o modelo que viveu lá. Eu acho que esse repensar o viés social da docência, o lado humano da docência é muito importante. O fato de você pensar que está contribuindo para a formação de pessoas, de seres humanos, que muito mais que profissionais...eu sempre penso isso, eu sou profissional oito horas por dia, mas...e as outras horas? O que eu sou? Eu penso muito nisso, você está ali e está preparando o aluno, mas ele não vai ser só aquilo ali e eu penso que muitos alunos do Integrado, principalmente, eles vão fazer de você que é o professor, um exemplo ou a inspiração dele. Dependendo da situação que ele tem em casa, ele vai negar a casa e vai se apropriar de você enquanto exemplo. E talvez com uma palavra errada você pode desestimular o aluno ou até destruir os sonhos dele, só porque você falou uma palavra sem pensar. Então, eu me preocupo muito com isso.

A partir de sua compreensão acerca da docência, Arumã realça o professor como elo (JOSSO, 2006) no processo formativo do aluno e deixa evidente que um dos sentidos que atribui ao trabalho desempenhado pode ser o papel social da docência, a responsabilidade e o compromisso (CONTRERAS, 2002) de formação que o professor desenvolve na relação com seus alunos.

Arumã nos disse que o mestrado contribuiu muito para refletir. E no conselho de classe, no instituto, tudo ficou muito latente para si, quando ouviu colegas falando que os alunos não tinham jeito, que não aprendem, fato que a fez pensar: “será que o aluno não aprende ou será que o professor é que não está sabendo ensinar? Não

está sabendo ajudar esse aluno? ”. Assim, chegou à conclusão de que o mestrado foi um divisor de águas em sua vida, com as contribuições das disciplinas e de todo o processo que pôde viver até então. Fato também percebido por Bacaba, Inajá, Miriti e Açaí. E quando falamos sobre como Arumã enxerga os sentidos do trabalho para si, ela nos respondeu:

Eu acho que o sentido do trabalho está muito atrelado a tudo isso que eu falei, muito mais do que passar um conhecimento técnico e específico para os meus alunos, o que eu quero realmente é que eles tenham a capacidade de pensar, de refletir, de fazer críticas, de tomar decisões, de fazer escolhas, mas é óbvio que nem sempre vão ser as escolhas corretas, mas que sejam conscientes, porque eu acho que a escola tem uma parcela nessa formação, a família tem também um grande papel, mas a escola tem uma responsabilidade fundamental na formação. Então, quando eu penso no ser docente, ser professor, para mim está muito atrelado a isso.

Quanto ao seu processo de busca por formação, de desenvolvimento profissional (DAY, 2001) na educação, considera que:

Depois do mestrado, acho que o doutorado talvez seja o próximo passo né. É algo que eu já penso, já vislumbro, o doutorado, não sei se vai ser logo de imediato, se eu vou parar, eu não queria parar, eu queria poder prosseguir, a vida também tem os caminhos dela, então, eu penso muito nisso e acho que não é só o mestrado e o doutorado, eu acho que a formação vai vindo de outras maneiras também. Creio que o grande ganho são os projetos que você vai se envolvendo, ou seja, aquilo que você promove, o teu retorno para a sociedade. Uma das coisas mais bacanas que aconteceu foi que eu comecei a orientar alunos, nunca tinha orientado alunos de graduação. Então, esse ano foi o primeiro ano que eu orientei. Acho que esse talvez foi um ganho e é um desafio legal. Eu tinha duas orientandas, uma trancou a graduação para ter bebê e com a outra aluna, nós conseguimos caminhar, aprovar um artigo e você vê o seu aluno ir para um evento e apresentar é muito bom, é uma sensação muito especial, acho que é mais gratificante do que se fosse eu indo. Porque você pensa: “eu contribuí para essa formação, para esse passo que essa pessoa está dando”. E eu penso muito nisso, nos projetos e pela minha própria característica...eu sempre estive envolvida com a área de gestão e talvez esse seja um caminho, porque isso é algo que me preocupa muito, a maioria dos gestores não são especialistas em gestão.

Arumã pensa que talvez a área de gestão seja um caminho que vá seguir em sua carreira, embora não saiba se vai enveredar por essa opção. Foi algo que conversou com sua orientadora, a qual falou: “você tem muito mais o perfil de gestora do que

de pesquisadora”. Mas Arumã tem consciência de que precisa desenvolver um perfil de pesquisadora, que esse viés tem que aflorar, principalmente por considerar o professor muito cobrado, já que muito mais que de gestão, o instituto é de pesquisa.

Eu acho que essa formação que eu estou tendo, esse passo do mestrado...se lá no futuro eu for caminhar para a gestão...ele é essencial, porque quisera que os gestores tivessem essa experiência que nós estamos tendo de formação para a docência, porque o que se vê é que...nós temos a felicidade de ter bons gestores...eu não reclamo, nós temos bons gestores, que escutam, porque tem gestor que não te ouve. Mas você vê muita gente que não está apto, embora tenha boa vontade, disponibilidade, mas não está preparado e a escola sofre, reflete lá na sala de aula, reflete lá na ponta, que é o aluno...não sei...não sei o que o futuro me reserva [risos].

Arumã tem 10 anos de docência, sendo que no instituto está há 5 anos e ressaltou que ter trabalhado antes de ser professora do IFAM foi muito importante para constituir a professora que é hoje.

Eu acho que o trabalho...ter trabalhado em empresas e em outras repartições públicas antes do instituto...foi bacana, porque você vê que é uma faca de dois gumes...o professor da Educação Profissional tem que ter a formação para a docência e ao mesmo tempo tem que ter o conhecimento prático, da indústria, do setor econômico, que movimenta o trabalho, eu acho que isso foi muito importante para mim e eu tive a felicidade de ter a minha própria empresa, de ter sido funcionária de empresa, de ter sido estagiária em empresa, de ter sido servidora na esfera municipal e estadual, que são âmbitos diferentes. Então, eu acho que todo esse caminho foi muito válido e hoje em dia ele é parte da professora, da docente que eu sou. Não tem como me dissociar disso, não tem como apagar esse período. Isso está na minha identidade e eu acho que na maneira como eu ministro aula, na maneira como eu me comunico com os alunos e acho que tem uma gotinha de cada parte da minha vida ali, quando eu estou em sala de aula. E é um dos momentos que eu fico mais feliz...é quando eu estou em sala de aula. [risos] Me sinto muito feliz, realizada com o que eu faço...posso estar cansada como for, eu às vezes vou me arrastando, mas quando eu chego na sala, a minha pilha renova e é muito bom, muito bacana. Me sinto muito realizada com a minha profissão. Acho que é uma dádiva não é!? Você poder fazer o que gosta e gostar do que você faz.

Arumã, bem como Bacaba, Inajá, Miriti e Açai, evidencia o trabalho como satisfação, o traçado da vida, a identidade, vai se constituindo no traçado da vida, nas experiências do fazer e ser docente, na maneira como a professora se expressa no ser individual e no modo como deixa aflorar a lembrança (LIMA, 2005), que expressa uma construção humana e, portanto, traz em si a marca do autor, das

leituras, das crenças pessoais e do projeto de dizer, do acontecimento discursivo
(FOUCAULT, 1997).

Capítulo 7 - O processo de comunicação na pesquisa por meio do trançar e entrelaçar

Para enxergar a trama tecida é necessária a justaposição das fibras. Na tentativa de darmos forma ao nosso traçado, construímos o arranjo que permitiu organizar três categorias de análise, entendidas como sentidos de trabalho atribuídos pelos professores em seus percursos, entrelaçadas em nosso traçado como: A tessitura que envolve, O traçado da lida, O traçado da vida.

A tessitura que envolve é entrelaçada à profissionalidade docente, à obrigação moral, ao compromisso social (DAY, 2001); O traçado da lida se entrelaça às experiências (BONDÍA, 2002); O traçado da vida é entrelaçado ao processo identitário do professor (NÓVOA, 2007), aos elos do processo (JOSSO, 2006) e à responsabilidade com a própria formação (PINEAU, 2010; GALVANI, 2002; CONTRERAS, 2002). Tais categorias representam os sentidos de trabalho que emergiram dos discursos dos professores no processo da pesquisa.

Conforme o poema, a tessitura que envolve é aquela que amarra, marca as mãos de quem tece o traçado e deixa marcas, mas também é aquela que ao final enfeita. Tal categoria nos remete ao trabalho docente como compromisso, o que os professores em suas narrativas classificaram como educar o aluno para a vida, como a concepção de que o professor deve ir para além do cumprimento do dever (DAY, 2001), remete-nos às relações do professor com a docência, à responsabilidade de ser professor (PINEAU, 2010), ao sentido social que atribuem ao trabalho (LIMA, 2005), à obrigação moral (CONTRERAS, 2002) que o professor desempenha, para quem está direcionada sua profissão, isto é, quem influencia e por quem foi influenciado (JOSSO, 2006), as suas ações (NÓVOA, 2007) e ao seu desenvolvimento profissional (GARCÍA, 1999).

A tessitura que envolve nos remete sobretudo às relações entre o docente e os alunos, faz referência ao compromisso que o professor atribui a si no cotidiano da sala de aula, ao comprometimento que o profissional da educação carrega consigo e que fez Bacaba, Inajá, Miriti, Arumã e Açaí afirmarem que seu intuito é preparar o aluno para a vida, ir além dos conteúdos estabelecidos pelo currículo e superar a

preparação do aluno como técnico por meio do desenvolvimento da capacidade de refletir, de criticar e de questionar sua prática e seu próprio processo de aprendizado.

A percepção do compromisso ou obrigação moral para com o ensino está situada acima de obrigações contratuais, conforme Contreras (2002), e assim constatamos nos discursos dos professores quando frisam que estão preparando seus alunos para serem profissionais como trouxe Bacaba, ou que pensam em proporcionar uma formação para a vida conforme ressaltou Inajá, ou que se interessam em formar para cidadania como expressou Miriti, ou quando Arumã disse que possui um papel social no desenvolvimento da capacidade de reflexão, criticidade e questionamento do aluno, ou quando Açaí afirmou que prepara seus alunos para a vida, para a reflexão, para a leitura, para escrita, para a interpretação, para ser gente.

Tais posicionamentos conferem ao professor comprometimento com todos os alunos em seu desenvolvimento como pessoas (CONTRERAS, 2002), realçando que a profissão exerce funções de motivação e participação social, se transformando na possibilidade de criar espaços de participação, reflexão e formação para que as pessoas aprendam e se adaptem para poder conviver com a mudança e a incerteza (IMBERNÓN, 2014). Na tentativa de realçar o sentido pessoal do trabalho (LIMA, 2005), o qual reside naquilo que, como bem social, os incita a ensinar.

Assim, quando dissemos que a tessitura que envolve é aquela que amarra, marca as mãos de quem tece o traçado e deixa marcas, mas também é aquela que ao final enfeita, nos referimos ao compromisso docente, o que é justamente o que amarra, o comprometimento, a obrigação para com a profissão que marca, isto é, envolve o professor. E ao final enfeita, porque representa a finalidade do ensinar, a satisfação com o sucesso do outro, por meio da formação do aluno, que se converte em sucesso e formação, quiçá autoformação, do próprio docente.

Quanto a nossa segunda categoria que compreende a vida, o trabalho docente e o que nos sustenta, revela-nos o sentido do que nos acontece (BONDÍA, 2002) na sala de aula, nos corredores da escola e fora do ambiente de trabalho, no cotidiano do indivíduo, nas relações pessoais, nos acontecimentos que levam ao desenvolvimento profissional, nas relações com as pessoas que colaboram, causam empecilhos ou se constituem em exemplos, em elos (JOSSO, 2006) no caminhar docente. Assim percebemos o trabalho, aqui entendido pelos professores como as

experiências, a fibra que os ampara e os fortalece no processo de formação.

Mas para que uma experiência seja considerada formadora, é necessário falarmos sob o ângulo da aprendizagem; por outras palavras, essa experiência simboliza atitudes, comportamentos, pensamentos, saber-fazer, sentimentos que caracterizam uma subjetividade e identidades (JOSSO, 2002). O sentido pessoal do trabalho não reside diretamente no salário, mas no que, como bem social, incita os professores a ensinar (LIMA, 2005) como já dissemos, comprovando o enlace, assim, da categoria anterior, que traz o sentido de trabalho como responsabilidade social com esta categoria, que se relaciona com a lida, isto é, com as experiências.

Percebemos nos discursos o valor que os professores atribuem às experiências que os formaram ao longo de sua trajetória, na construção de seu fazer docente, ou seja, na lida. Experiência também entendida, em concordância com Tardif (2014), como um saber desenvolvido pelos professores no exercício de suas funções e na prática profissional, baseado no trabalho cotidiano e no conhecimento de seu meio.

Identificado, por exemplo, quando Bacaba nos relatou o impacto da chegada em sala de aula, ou no momento em que Inajá revelou que a sala foi uma experiência que a cativou, ou quando Miriti expôs as diversas escolas pelas quais passou, ou quando Arumã reconhece que mesmo vindo de uma escola de Educação Profissional percebeu a diferença na dinâmica do instituto e a necessidade de adaptar-se e quando Açaí nos contou do trabalho diferenciado que realiza no IFAM, considerando o lado estético, humano e criativo a ser desenvolvido no Ensino Tecnológico.

Entendemos o realce que nossas palmeiras conferem às condições da profissão (TARDIF, 2014), ao evidenciar as relações que os professores desenvolvem com os demais atores no campo de sua prática, bem como as obrigações e normas as quais devem desempenhar, além das funções circunscritas à instituição na qual estão inseridos. Enxergamos nos professores que a lida com os condicionantes da profissão é formadora e permite ao docente o desenvolvimento do *habitus* que lhe possibilitará enfrentar o cotidiano da docência.

O sentido de trabalho como experiência se manifesta na compreensão dos professores pela necessidade, motivação intrínseca, em buscar formação seja para legitimar o trabalho já desenvolvido no instituto como fez Açaí, ou porque acreditava

que o mestrado fosse lhe proporcionar o que faltava em sua prática docente em termos de saberes pedagógicos (TARDIF, 2014) como suscitou Bacaba, ou quando Inajá tomou consciência de que apenas o conhecimento específico da disciplina não bastava para ser professor.

Entendemos no discurso de nossas palmeiras uma perspectiva de autoformação que desdobra o indivíduo em uma dupla operação denominada autorreferencial, no qual o professor torna-se sujeito, quando se apropria da formação e objeto de formação, quando a aplica a si mesmo (PINEAU, 2010). Evidenciando que na medida em que ocorreu um processo contínuo de identificação dos sujeitos com as propostas vivenciadas, no mestrado, novos valores e condutas se delinearão e nessa tensão entre mudança e permanência, continuidade e diferença, conforme Lima (2005), é que se constroem as identidades.

Assim, tem-se nossa terceira categoria voltada ao fato de que o trabalho que constitui é também aquele que preenche a identidade, realizando-nos, satisfazendo-nos, movendo-nos e motivando-nos como professores que somos e constituindo nossas fibras. Isto é, o sentido conferido ao trabalho, traduzido no traçado da vida, é compreendido como o processo de constituição da identidade docente, que entrelaça o indivíduo ao seu compromisso com a profissão, ao fazer profissional, bem como ao que se extrai daquilo que nos acontece como experiência.

Compreendemos que o professor ao ensinar tem sua identidade carregada de marcas de sua própria atividade e boa parte de sua existência caracterizada por sua atuação profissional, que com o passar do tempo vai moldando o docente com sua própria cultura, ethos, ideias, funções e interesses (TARDIF, 2014). Percebemos, assim, nos discursos que o traçado da vida revela um sentido de trabalho que aponta para a identidade, entendida por nós como um processo identitário, a medida que consideramos a identidade como um espaço de construção de maneiras de ser e de estar na profissão (NÓVOA, 2007).

Entendemos que a construção identitária do professor se molda em sua trajetória social e profissional (TARDIF, 2014), sendo resultado da formação docente, da inserção na profissão, do choque com a realidade, da aprendizagem na prática, da descoberta dos limites, da negociação com os outros, da responsabilidade para com os alunos, da satisfação com os sucessos individuais dos discentes, das relações pessoais/familiares, de processos anteriores de socialização, da realização pessoal

e de poder enxergar-se professor.

O processo identitário também passa pela capacidade de exercermos com autonomia a nossa atividade, sabendo que a forma como ensinamos depende diretamente daquilo que somos como pessoa quando exercemos o ensino (NÓVOA, 2007). Assim, constatamos a impossibilidade de dissociar o professor do ser e o ser do professor, conforme Bacaba trouxe em seu discurso quando disse que não é possível se dissociar de sua profissão.

Ou quando Arumã reconheceu que também não pode se dissociar das experiências de trabalho que teve antes da entrada no Instituto Federal do Amazonas, relatando-nos que todos os momentos vividos anteriormente estão presentes em sua identidade, bem como constituem a docente que é, em sala de aula, e que considera ser o momento de maior felicidade e satisfação, pois mesmo quando cansada, disse se esquecer de todos os problemas ao entrar no instituto para ministrar as aulas, sentindo-se realizada na docência.

Percebemos que na medida em que ocorre um processo contínuo de identificação dos sujeitos com as propostas vivenciadas, novos valores e condutas vão se delineando, nessa tensão entre mudança e permanência, continuidade e diferença é que se constroem as identidades (LIMA, 2005), assim como observamos nos discursos acerca do sentimento de pertencimento à profissão, relatado por Inajá, por exemplo, quando disse que tal sensação iniciou e, tem aumentado com o passar do tempo, desde o período em que ministrava aulas na Universidade Federal de Roraima.

Tal sentimento de pertencimento foi expresso por Miriti ao considerar ter trabalhado pela instituição durante sua trajetória de aproximadamente 23 anos no Instituto Federal ou quando Açaí comentou do seu desejo de ser professora iniciado desde a infância e alimentado por si no decorrer da vida por meio dos processos de formação aos quais se submeteu, da postura adotada em sala de aula, da obrigação moral e compromisso com a comunidade (CONTRERAS, 2002), da satisfação com os sucessos específicos dos alunos, da realização com a profissão e da reflexão sobre a prática (DAY, 2001).

O trabalho como satisfação, move-nos a compreender o traçado da vida por meio da identidade que se constitui no traçado da vida, ou seja nas experiências do fazer e

ser docente, bem como se entrelaça em igual medida na tessitura que envolve e representa a responsabilidade social do professor, impelindo-nos ao entendimento de que a formação, em conformidade com Dominicé (2010), é feita pela presença de outrem e de nós, em um processo de autonomização que no decurso da vida nos ajuda a descobrir o que é importante aprendermos para nos tornarmos competentes, darmos sentido ao nosso trabalho e constituirmos nossa identidade, revelada no processo do comunicar-se conosco e com o mundo.

Referências

ALBERTI, V. **Manual de história oral**. 2. ed. Rev. Ampl. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência o saber da experiência. Tradução de João Wanderley Geraldi. **Revista Brasileira de Educação**, n.19, p. 20-28, jan/abr, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica**. Brasília: 2013.

CONTRERAS, J. **Autonomia de professores**. São Paulo: Cortez, 2002.

DAY, C. **Desenvolvimento Profissional de Professores**. Porto: Porto Editora, 2001.

DOMINICÉ, P. O processo de formação e alguns dos seus componentes relacionais. In: NÓVOA, A. (Org.) **O método (auto)biográfico e a formação**. São Paulo: Paulus, 2010.

FOUCAULT, M. **A arqueologia de saber**. Rio de Janeiro: Forense, 1997.

GALVANI, Pascal. A Autoformação, uma Perspectiva Transpessoal, Transdisciplinar e Transcultural. In: **Educação e Transdisciplinaridade II – CETRANS**. São Paulo: TRIOM, p. 95-121, 2002.

GARCÍA, C. M. **Formação de professores – Para uma mudança educativa**. Porto: Porto Editora, 1999.

GHEDIN, E. A função social do ensino e a organização dos conteúdos de aprendizagem. In: BORGES, H. GHEDIN, E. **Fundamentos para pensar o currículo**. Manaus: Editora Travessia, 2010.

GOODSON, I. F. Dar voz ao professor: As Histórias de Vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional. In: NÓVOA, A. **Vidas de Professores**. Porto: Porto Editora, 2007.

IMBERNÓN, F. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2014.

JOSSO, M-C. As figuras de ligação nos relatos de formação: ligações formadoras, deformadoras e transformadoras. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.32, n.2, p. 373-383, maio/ago. 2006.

_____. **Experiências de vida e formação**. Lisboa: Educa, 2002.

LIMA JÚNIOR, P. **Evasão do ensino superior de Física segundo a tradição disposicionalista em sociologia da educação**. 2013. 258 f. Tese (Doutorado em

Ensino de Física) – Instituto de Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2013.

LIMA, M. E. C. DE C. **Sentidos do trabalho – a educação continuada de professores**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

MOURA, D. H. A formação de docentes para a educação profissional e tecnológica. **Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica**, v. 1, n. 1, p. 23-38, 2008.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. **Análise Textual Discursiva**. 2. ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2011.

NÓVOA, A. Os professores e as histórias de sua vida. In: NÓVOA, A. (Org.) **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 2007.

PINEAU, G. A autoformação no decurso da vida: entre a hetero e a ecoformação. In: NÓVOA, A. (Org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. São Paulo: Paulus, 2010.

SOUZA, E. C. Memória, (auto)biografia e formação. In: CHAVES, S. N. (Org.) **Formação e docência: perspectivas da pesquisa narrativa e autobiográfica**. Belém: CEJUP, 2011.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

VELTHEM, L. H. V. Trançados indígenas norte amazônicos: fazer, adornar, usar. **Revista de estudos e pesquisas**, FUNAI, Brasília, v. 4, n. 2, p. 117-146, dez, 2007.

Diretoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação



INSTITUTO FEDERAL
Amazonas
Campus Manaus Centro

Av. Sete de Setembro, nº 1.975 – Centro
Telefone: (92) 3621-6750
www.cmc.ifam.edu.br